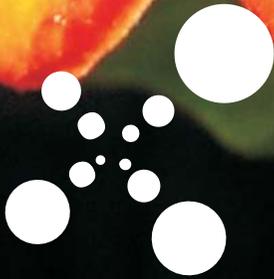


5



Pensamento
Biocêntrico
REVISTA ELETRÔNICA

Pensamento Biocêntrico

Revista

Pensamento Biocêntrico

Número 05

janeiro/junho 2006

Semestral

ISSN 1807-8028

Pensamento Biocêntrico	Pelotas	Nº 05	p - 1-96	Jan/Jun 2006
------------------------	---------	-------	----------	--------------

CORPO EDITORIAL

Ci quvlpj q"Octlq"Fcmc"Xgeej lc
Ergdgt"Ecvlqj qu
I cuvôp"Cpf lpg
Lqçq"Ectru"Xlgtc"Ocej cf q
Nkcp"Tqug"Octswgu"fc"Tqej c

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: TECENDO UMA COMPREENSÃO Ana Maria Borges de Sousa	9
OS SETE PODERES DA BIODANZA por Myrthes Gonzalez.....	31
EXPRESSÃO DA IDENTIDADE EM FORMA DE POESIA Geny Aparecida Cantos.....	49
RITOS A DIONÍSIO: OS MISTÉRIOS DE ELEUSIS () Terezinha M. Vargas Flores	55
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UEFS SOBRE A VIDA Marinalva Lopes Ribeiro Elisa Carneiro S. Almeida	72
REFLEXÕES SOBRE A CULTURA BIOCÊNTRICA Cezar Wagner de Lima Góis	89
EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA. PALABRAS DE CLAUSURA Rolando Toro Araneda	99
EDUCACIÓN Y DESARROLLO CEREBRAL Gittith Sánchez P.	103

EDITORIAL

Contradigo-me? Pois bem, contradigo-me! Sou amplo,
contenho multidões”
Walt Withman

Estamos vivendo a emergência de uma nova forma de ser e de viver centrada na vida. A surpreendente fecundidade do pensamento biocêntrico, originário da vivência do Princípio Biocêntrico, nos impulsiona a buscar formas de pesquisa e de divulgação científicas, que permitam mais e mais pessoas terem contato com a visão Biocêntrica e suas possibilidades de ação e de transformação humanas.

As novas formas de comunicação que permeiam o planeta permitem optar por este instrumento eletrônico para a criação de um periódico de caráter científico: uma revista de divulgação dos trabalhos de pesquisa do Grupo de Pesquisa CNPQ - A Teia da Vida.

Nossa motivação original para esta ação está em nossas vivências de grupo propiciadas pelo Sistema Pedagógico e Vivencial da Biodanza. A evolução do Sistema em diversos continentes, num processo criativo crescente, está permitindo operacionalizar a atuação da Biodanza em áreas como a saúde, educação, organizações, família, etc.

A Biodanza apresenta um inconfundível potencial de mobilização e de transformação humana, na expressão e no amadurecimento da identidade dos participantes dos grupos. A Biodanza, por sua natureza e por seu reconhecido potencial está exigindo um avanço de qualificação pela expressão mais ampla de seu conhecimento científico. Sua exigência é integrar e ultrapassar o pensamento cartesiano, linear, mecanicista para ingressar no novo

paradigma do pensamento biocêntrico. Servindo-se do pensamento sistêmico, a partir da concepção da realidade em rede, a Biodanza e seu modelo teórico ultrapassam uma visão de totalidade fechada. A totalidade da realidade é concebida como um todo vivo, orgânico e em permanente processo de evolução, rompendo sempre as fronteiras da totalidade do pensamento e da ação.

O pensamento biocêntrico é, por sua natureza, um pensamento sempre aberto, inacabado e em permanente expansão. O universo, unificado pela vida, se constitui de uma teia de relações em permanente pulsar na expansão criativa e no movimento entrópico que finaliza o ciclo de existência de cada realidade. A partir do caos renova-se o processo negentrópico da vida na formação de novas realidades. A idéia do movimento complexo e orgânico da realidade, permeada pela vida e pelas suas características pede um pensamento coerente e que expresse essa realidade captada vivencialmente, através dos potenciais humanos e elaborado racionalmente.

Nosso periódico terá publicação diversificada, priorizando os artigos científicos, os ensaios, os resumos, as poesias que expressam o pensamento biocêntrico. Os autores serão todos ligados a essa forma de pensamento, membros do grupo ou da comunidade de Biodanza.

Por que a diversidade das formas de expressão do pensamento? Porque é assim que surgem as variadas manifestações da vida. Porque não é somente a racionalidade lógica que expressa a realidade. Os fundamentos da ciência podem estar na filosofia, na poesia, nas vivências e nas formas significativas de expressar o pensar. Essas formas de saber não são menos radicais e válidas que o pensamento científico. Às vezes são o único meio para expressar um conhecimento mais radical do ser.

O periódico a princípio será publicado a cada três meses, podendo mudar a periodicidade. O Grupo de Pesquisa A Teia da Vida é o responsável pela revista, no seu corpo editorial. Cada autor é responsável por seus escritos.

Equipe Editorial

EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: TECENDO UMA COMPREENSÃO

Ana Maria Borges de Sousa¹

É possível compreender a Educação Biocêntrica como uma **poética** da cognição que vislumbra a formação de um ser humano cósmico, comprometido de modo incondicional com a paz e o reconhecimento teórico-prático da vida. Do mesmo modo, como uma **concepção** que problematiza a inteligência organizadora da vida, para compreender de onde provém a ordem fisiológica que se manifesta como uma forma específica, animal ou vegetal. E ainda, como uma **prática** que considera que o sistema vivo possui uma ordem orgânica perfeitamente programada e que se transforma a todo o momento, não como uma máquina computadorizada, mas como um holograma vivo, cujas mudanças abarcam a totalidade.

Conforme Maturana e Varela (1991), *a cognição é a atividade mesma da autogeração e da autopetuação da vida* e não se refere somente a processos mentais e da consciência. Para a cognição não é necessário o cérebro ou o sistema nervoso. *A cognição é um processo que se dá em todos os seres vivos, inclusive em suas formas mais elementares (ameba, vírus, por exemplo).* A cognição, para estes autores, seria a interação entre os

¹ Facilitadora Didata de Biodanza®; professora do Centro de Ciências da Educação (UFSC). anabaiana@ced.ufsc.br

organismos e seu ambiente. A base do processo cognitivo seria o acoplamento estrutural com o ambiente. Cognição, portanto, é sinônimo de vida.

I - Construindo referenciais...

A Educação Biocêntrica necessita ter uma intencionalidade: promover a (re)educação afetiva de homens e mulheres, para que estes possam resgatar sua *sensorialidade viva* e requerer, em comunhão com



os seus semelhantes e com a natureza, a construção de uma **sociedade altruísta**. Somente (re)educados afetivamente, esses adultos aprenderão a importância de educar as suas crianças para a auto-aceitação e o auto-respeito, condições indispensáveis para que elas aceitem a diversidade da vida, respeitem todas as manifestações que pulsam no universo, se tornem adultos livres e com responsabilidade social.

Aninhado nesse sentido, Marcos Cavalcante (2001: 93) afirma que podemos reconhecer a Educação Biocêntrica como *uma tendência evolucionária que visa à integração do indivíduo, orientado por sua autoconsciência e constituído em suas relações altruístas*, o que cria as possibilidades para o seu desenvolvimento e para a expressão de suas potencialidades instintivas. Para o autor, a Educação Biocêntrica estimula, no indivíduo, a vinculação com a vida e isso acontece a partir da relação consigo, com o outro e com o meio. Ao acordar o seu SER adormecido, ativamos *seus instintos originais e gregários determinados biologicamente, notadamente*

sufocados e condicionados pela cultura da dissimulação, do disfarce dos sentimentos e dissociação do corpo, identificadas nas relações dicotômicas vividas na era moderna.

Ou seja, a Educação Biocêntrica, enquanto uma prática pedagógica traz como referencial imediato, a vida em todas as suas dimensões e assume que é o Princípio Biocêntrico (Rolando Toro, 2005) o seu paradigma fundamental, porque este se inspira nas leis universais existentes para conservar os sistemas vivos e tornar possível a sua evolução. Nessa concepção, o Universo é constituído por uma **abrangência relacional** que abraça a totalidade da vida, por isso, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário.

Para mim, a Educação Biocêntrica é um **PORTAL** de recuperação de nossa humanidade, hoje desconfigurada pelo estilo de viver patológico e que está latente em cada fio do tecido social. Como um **PORTAL**, penso que a Educação Biocêntrica não quer se apresentar como um modelo substitutivo às demais práticas educativas, mas como um paradigma teórico-prático evolucionário. E como tal, se inspira numa radicalidade ético-estética, cujo fundamento é a defesa incondicional da vida em todas as suas expressões. Isso me convida a intuir então, que a Educação Biocêntrica é um paradigma do cuidado e pode promover a *cura* (no sentido proposto por Heidegger, 2005) das práticas educativas, como mediação pedagógica fundante de um novo modo de *ser-estar-no-mundo* (Mafessoli, 1996), em comunhão com a vida.

Estou sempre a me lembrar que as nossas condutas não são inatas, elas são moduladas pelos processos de convivência que teceram em cada um de nós experiências e iniciações culturais, das quais somos ensinadores e aprendizes. Ou como enfatiza Maffesoli (1996), *o microcosmo humano é assim compreendido como estando aninhado no macrocosmo em seu todo*, isto é, somos também o modo como fomos educados por nossos pais e mães, pela escola, pela religião, pelo bairro onde crescemos, pelas relações que conquistamos em nosso viver. São numerosos artefatos cotidianos que transfiguram as culturas onde estamos inseridos e essa transfiguração é coerente com as *proxemias* que

ligam o ser individual e a coletividade, o estranho e o familiar, o oportuno e o promíscuo, o sagrado e o profano, o *sapiens* e o *demens* que enredam nossas vidas. É indispensável que sejamos (re)educados afetivamente para que possamos (re)aprender a *ser-estar-no-mundo* de frente e imersos em seus enigmas e visibilidades.

Heidegger², para quem o ato de cuidar tem uma compreensão filosófica, lembra que este é entrelaçado ao ser e ao tempo porque somos os únicos seres que se preocupam com o futuro e com as possibilidades que a vida pode nos ofertar. Assim, se cada um de nós toma o cuidado como princípio guia da existência, esta será a confirmação de nosso modo de *ser-estar-em-relação* com a vida e com o mundo. Cada um de nossos atos como seres cuidadosos, então, será de a-tenção para consigo, para com o outro, o meio e as subjetividades que vão interceder neste encontro.

Sinto que a Educação Biocêntrica, como uma *pedagogia* do cuidado vai pedir para nos ocuparmos previamente da própria existência-em-relação, para inventarmos o tempo indispensável ao desvelo e para reduzirmos a energia dedicada aos problemas, às patologias que afligem nosso ser, porque ele vai estar *curado*. Essa inspiração me faz novamente intuir que há uma “gestão do cuidado” presente na metodologia vivencial da Educação Biocêntrica e que está vinculada a um sentido prático, transubstanciado para o campo das ações, capaz de germinar no espaço da convivência maneiras-de-ser gerativas de um *estar-junto solidário* (Maffesoli, 1996).

É no campo desta solidariedade, portanto, que o outro jamais me é indiferente e tudo que a ele acontece, converte-se em extensão do meu próprio ser. Por isso, tanto a dor, quanto a alegria de alguém se transforma na minha dor e na minha alegria, como sujeito cuidador. É essa atitude ética, e sensivelmente estética, creio eu, que pode impulsionar as manifestações de *cura* desta dor e potencializa esta alegria. O cuidado, quase sempre esteve

² Especialmente em seu livro *Ser e Tempo*, parte I, 2005.

vinculado ao sentido de “cuidado de si”, possibilitando à pessoa uma reflexão procedente sobre o seu estilo de viver. Mas isso não significa uma ausência de cuidado para com o outro. Só podemos nos reconhecer em nossa humanidade, na presença de um outro ser humano, meu semelhante e diferente. É este outro que autoriza o meu auto-reconhecimento, que desperta o sentido de uma convivialidade cooperativa e situada no contexto sócio-cultural.

A Educação Biocêntrica e a Biodanza[®] podem proporcionar às instituições aprendizagens coletivas de mudanças de seus destinos, desenvolvendo nos grupos o sentido prático e o significado educativo do cuidado. Aprender juntos a cuidar da vida pode transformar as relações convencionais em encontros emocionados, e estes, não dispensam a ética, *articulada ao campo de uma estética sugestiva* que vai orientar as pessoas para que possam *abandonar a esfera tirânica dos decretos*, fazendo uma escolha vivencial pelas tramas de uma *educação do gosto e da sensibilidade* (Restrepo, 1998: 10).

Isso faz com que o **CUIDADO** com o outro se inscreva numa matriz congruente (Maturana, 1998), numa atitude prévia, que se antecipa na e pela convivialidade através da alegria do bem-fazer. Essa é uma experiência salutar para promover a *cura*, a que Heidegger sabiamente nomeou como o *próprio ser do ser-aí*, da existência, que congrega a infinitude dinâmica de nossa plasticidade ontológica, enquanto seres imersos no mundo. A Educação Biocêntrica, desse modo, se revela como um **PORTAL** equilibrado “nos mistérios do sem-fim”, como sugere Cecília Meireles, e que traz como possibilidades:

- alterar os referenciais presentes nos relacionamentos interpessoais, em sua maioria, pautados em modelos bélicos que constituem, no cotidiano, as expressões contínuas de prontidão para **lutar**, para **con-vencer**, **combater**, **resistir**, **contrapor**, **batalhar**, **argüir**, **contestar**... (Maturana, 2004). Fomos educados numa cultura de guerra para escolher algumas pessoas como iguais e excluir todas as demais consideradas adversárias à minha existência. Os saberes de guerra

nos impedem de reconhecer a legitimidade do outro como um semelhante, ainda que diferente; nos convencem de que os recursos da vida estão a serviço exclusivo do ser humano, portanto, tudo pode ser devastado para o bem-estar de poucos; desenvolvem em nós maneiras de convivência competitivas, que vampirizam as singularidades e produzem neuroses múltiplas.

- Recuperar o convívio integrado entre o ser humano e a natureza, incluindo a sua natureza. O surgimento do nomadismo impulsionou a migração dos primeiros homínídeos das florestas nutritivas para as savanas, áreas consideradas hostis pela carência de recursos naturais. Essa experiência, aos poucos nos distanciou dos princípios matrísticos de convivência e forjou os primeiros pilares da cultura patriarcal, do estilo machista de ser-estar no mundo. Deixamos de compartilhar alimentos e abrigo e aprendemos a caçar, a competir com outros animais; a possuir com ferocidade a Terra; a negociar com ganância os seus frutos; a matar para sobreviver. Perdemos a sensorialidade como referência do estar-juntos, especialmente no convívio com as crianças e, progressivamente consolidamos a separação entre natureza e cultura, humanidade e natureza. E como fala Restrepo (1998:84), para nos sentirmos seres de ternura, para retornarmos a uma convivência sem agressões, é preciso entender que não somos o centro hierárquico do ecossistema, pois, ao depender biológica e afetivamente, nos descentramos, admitindo que o eixo ordenador passa por seres ao mesmo tempo diferentes e distantes de nós.

- Identificar as marcas das relações patriarcais entre os componentes de um grupo, nos espaços onde temos a oportunidade de dançar a Educação Biocêntrica. Este é um desafio formidável. Em geral, essas marcas se traduzem nos preconceitos visíveis e sutis que constroem as falas; no estilo do con-tato, cada vez mais veloz porque a intimidade e a aproximação corporal são insuportáveis para muitos; nos discursos viciados que querem, a qualquer custo, con-vencer os demais e impor seus pontos de vista; nos racismos anunciados sob os

pobres, os negros, os deficientes, as mulheres, os homossexuais, os não escolarizados...; nos machismos revelados através de estereótipos clássicos (isso é coisa de homem, vocês são brancos que se entendam, homem não chora...); nos jogos de cumplicidade para competir com os demais; nas hierarquias instituídas; nos padrões de favorecimentos de uns, e da perseguição de outros... Oportunizar, então, que o grupo possa dançar outras experiências de convivência, por isso, os exercícios da Linha da Afetividade são tão relevantes.

- Compartilhar com educadores e educadoras que trabalham com a Educação Infantil e com as séries iniciais do Ensino Fundamental, a importância de conservar, na convivência com as crianças, a relação materno-infantil. Para Maturana (2004), esta relação é imprescindível entre um adulto e uma criança, e se realiza através da confiança mútua que constrói o vínculo entre ambos. A criança, para conservar a dimensão materno-infantil precisa encontrar espaço de aceitação e respeito na existência do adulto, através da qualificação de seu SER e da educação de seu FAZER. A essa conduta relacional Maturana chama de AMOR, o fundamento social básico para uma convivência guiada pela ternura e pelo cuidado.

- Reconhecer que pertencemos a uma linhagem **neotênica** (Maturana, 2000: 70), que se define pela conservação da expansão progressiva de características da infância no decorrer da vida adulta. Ou seja, os humanos conservaram a capacidade de brincar, o jogo, as atividades lúdicas que, para os demais mamíferos, só ocorre na infância e com o sentido de ensinar-aprender. Por isso somos dependentes do amor, da carícia e do contato corporal durante toda a nossa vida. A ausência dessas características neotênicas reduz a nossa vida a padrões de automatismos orgânicos para permanecermos “vivos” e insensíveis às nossas necessidades instintivas. Em contextos de carências extremas, especialmente na infância, morremos de fome neotênica, o que talvez Rolando Toro tenha nomeado como “desnutrição afetiva”.

- Reconhecer ainda que a neotênia possibilita, para o adulto, a expansão da sensualidade e da ternura como características da relação materno-infantil. Esta sensualidade, alerta Matura (2000: 71), tem a ver com a abertura sensorial, enquanto a ternura, está relacionada ao comportamento de cuidado em relação com os outros. Através de vivências criativas de afetividade, a Educação Biocêntrica pode contribuir para despertar a sensualidade e a ternura adormecidas, porque elas estão em nós e são constitutivas de nossa humanidade.

- Restaurar a compreensão sensível de que a expansão da sexualidade da fêmea, uma característica da conservação neotênica em nossa espécie, teve como decorrência a ampliação coerente da sensualidade, da ternura e da sexualidade, que contribuíram e ainda hoje, para a coexistência familiar, para gerar os fundamentos de uma convivência em cooperação. Maturana (2000: 72) ressalta que a cooperação só é possível em relações guiadas pelo AMOR, pois elas exigem confiança e aceitação mútuas e inventam um ambiente relacional distinto do **espaço da obediência**, que se concretiza quando estão presentes a **sujeição** e a **dominação**. No âmbito desta convivialidade está a abertura para a **intimidade**, onde adultos, crianças e jovens podem conviver na aceitação mútua e na proximidade corporal. É nesse ambiente que se aprende a **empatia**: a colocar-se no lugar do outro para percebê-lo como extensão de SI mesmo, para construir a capacidade de “sentir em comum” a vida como um movimento entrelaçado em SI e em TUDO que existe.

- Restaurar, então, o sentido pleno de viver em comunidade: **VIVER + COM = EU + o OUTRO em UNIDADE**. O fundamento para esta reeducação afetiva é a convivência baseada na **empatia**. É por meio desta experiência que podemos compreender o sentido e o significado do ato de colocar-se no lugar do outro, para reafirmar que a identidade de cada um se fortalece na aceitação da alteridade e pela vivência da diversidade. Aceitar que somos apenas o que “damos” conta de ser a cada instante, porque SOMOS na presença e na aceitação do outro um movimento inesgotável de outras

possibilidades. No sentimento pleno de comunidade redescobrimos nosso **inacabamento** e nossa **incompletude**, dois enigmas que forjam a **GRAÇA** de nossa humanização e que enfeitam a nossa ontogênese para que ela dance num folgado espiral ascendente e infinito. Essa extraordinária dança está inscrita no Modelo Teórico da Biodanza®.

- Assumir a premência da corporeidade viva (totalidade do que nos constitui), como base epistemológica e vivencial de todas as práticas educativas. Conforme Restrepo (1998: 109), não existe um corpo puramente natural, tampouco um corpo simples que se decifra com o primeiro olhar. O corpo é um recinto de passagens das nossas experiências, das mais viscerais às mais imediatas, das mais conhecidas às mais inéditas e algumas permanecem por muitos anos, enquanto outras são efêmeras. Desse modo, nossa corporeidade abriga a “realidade dos códigos” culturais e se banha na encruzilhada dos discursos que todos os dias lhe dizem o que **É**, ainda que raramente lhe ensinem o que **PODE SER**.

Um dos nossos desafios na Educação Biocêntrica é construir outros referenciais para o corpo, que incluam a nossa extraordinária capacidade de co-criar-nos a nós mesmos, no movimento genuíno de criação da nossa existência, aninhados nos braços da vida que pulsa no Universo. Ou seja, que nos deixem voltar a nós mesmos, como hologramas vivos, com a maravilhosa plasticidade para reescrevermos o enredo da nossa história pessoal e coletiva. Somos seres multidimensionais, somos uma totalidade viva que é, simultaneamente, *bio-antropo-sócio-histórico-afetivo-cultural...* (Morin, 2002a). Somos, a um só tempo *sapiens* e *demens*. Somos indecifráveis inteiramente em nossa complexidade viva.

II – Uma Educação que se dança, uma aprendizagem vivencial

Os deuses criam-nos muitas surpresas:
o esperado não se cumpre,
e ao inesperado um deus abre caminho.

Eurípidés

Embora a metodologia da Educação Biocêntrica se inspire nos referenciais que Rolando Toro criou para a Biodanza[®], estimulado pelos autores que mobilizaram seu pensamento genial, elas não são sinônimos. Uma e outra guardam consigo especificidades em seus campos teórico-vivencial, ainda que sejam complementares. Podemos conhecer bem os fundamentos da Biodança, mas, como facilitadores e facilitadoras, se não conhecermos os fundamentos principais da Educação corremos o risco de simplificar um processo complexo e que atravessa a vida de todos os seres humanos. Eis porque é no Princípio Biocêntrico que estão os aportes onde a Educação Biocêntrica e a Biodanza[®] se encontram, já que ambas se inspiram na VIDA como fundamento ético-estético das relações.

A Educação Biocêntrica, como destaquei no item I desse texto, cria os campos de possibilidades para uma transformação cultural progressiva, capaz de afetar o conjunto da sociedade. Na Biodanza[®], dançamos semanalmente, participamos de maratonas, fazemos minotauros e essa continuidade “acelera” o processo de (re)educação afetiva. Nas empresas, nas escolas, nas comunidades onde queremos trabalhar com um processo educativo distinto do convencional, quase sempre oferecemos alguns encontros esporádicos e isso faz a diferença. É preciso conhecer como as pessoas aprendem, como os educadores ensinam, como as instituições estruturam suas lógicas de funcionamento, como as hierarquias criam os seus códigos de conveniências, como os adultos se relacionam com as crianças, como os homens se relacionam com as mulheres, os jovens com os mais velhos, entre outros, para que o nosso trabalho evoque a uma reflexão profunda

e provoque a mudança. Não podemos esquecer que cada um traz consigo estruturas de pensamento enraizadas, conceitos e pré-conceitos formados internamente durante muitos anos.

O privilegiamento de uma metodologia vivencial deve-se à compreensão de que a vivência antecede a consciência. No lugar da lógica cartesiana que historicamente pregou o ensinamento do “penso, logo existo”, pela dança (re)aprendemos a beleza que é: **sinto, por isso estou vivo**. É porque sinto que posso conhecer, e então, atribuir significados, configurar o que vivencio como linguagem, transformar em teoria, construir argumentos que expliquem... A vivência daquilo que se aprende de modo integrado proporciona às pessoas entrarem em conexão consigo, sentir a si mesmas para então caminharem com progressiva transformação, ao mesmo tempo em que conservam a sua essência primordial.

Uma educação que se dança através de uma metodologia que se vivencia, só pode ter sentido se baseada no amor e no reconhecimento do outro como um legítimo outro na convivência. É pela convivência que os participantes podem reconhecer o grupo como matriz de renascimento de todos os integrantes, como um espaço indispensável para ampliar o potencial criativo de cada um e fortalecer suas identidades.

A Educação Biocêntrica valoriza a multidimensionalidade humana e estimula práticas vivenciais que a potencializem. Rolando Toro diz que as pessoas *podem estabelecer uma conexão altamente precisa com todas as manifestações de vida que lhes rodeiam. Uma espécie de sabedoria milenar orienta os seres vivos para as fontes nutritivas do mundo; a percepção se dirige para aquilo que gera nelas vida e mais vida*. É isso que a Educação Biocêntrica quer enfatizar, tecendo uma outra compreensão prática e dialógica da educação, do ensino, da aprendizagem, das relações entre humanos e natureza. Sabemos que milhares de pessoas têm perdido a capacidade potencial de conectar-se com a vida, em consequência do processo de degradação instintiva que atrofiou a sua vinculação com as experiências primordiais. Por isso Rolando propõe como "objetivo desesperado" o resgate da nossa arcaica capacidade de conectar-se à vida, conectando-se conosco, com

nossos semelhantes e, fundamentalmente, “com as forças vivas do universo”. A dissociação entre o ser humano e a natureza é visível, por exemplo, nas escolas formais. Enquanto instituições erguidas a partir do paradigma exclusivamente racional, ao longo de seu percurso elas perderam a leveza e o encantamento, à medida que reforçaram as concepções e práticas discriminatórias e excludentes, valorizaram o resultado e não o processo, incutiram verdades de guerra e certeza inquestionáveis.

Com essa conduta contribuíram para imprimir nas crianças e adolescentes crenças que, para muitos, jamais foram transmutadas. Forjaram sentimentos de incapacidade, deixaram o fracasso como uma responsabilidade que declina apenas sobre os estudantes. As relações rígidas e autoritárias fundaram diversas patologias nos educandos e educadores e estas são identificadas desde uma dor de cabeça, até situações de suicídio. Esse modelo criou nas práticas escolares a *síndrome da descontinuidade* (Sousa, 2002), provocando em muitos profissionais a desistência de si e a perda de sua autoria pedagógica, os estados depressivos, a intolerância às diferenças, a baixa-estima pessoal e profissional. Construiu um processo educativo dissociado e adoecedor. Fomentou a síndrome *Burnaut* por meio de um estado profundo de sofrimento psicofísico.

Doentes e descrentes, os educadores e as educadoras buscam alternativas possíveis para escaparem da armadilha estrutural, pedem readaptação de funções, aceitam trabalhar com atividades incompatíveis com a sua formação, são afastados por licenças médicas e ainda assim são taxados de preguiçosos, desinteressados, acomodados. A escola e o ensino, ao longo do tempo foram transformados num **neg-ócio**, à medida que negaram aos profissionais o tempo e o espaço para a experiência do *ócio* criativo. O que prevalece é a produção, não a do conhecimento, mas a da acumulação das tarefas e obrigações.

Nesse modelo a escola vivencia o drama da obrigação, e com isso, raramente incentiva a liberdade de criar e criar-se. Com seu pensamento lógico, enquadra a apreensão do mundo em classificações e seriações. É essa a inteligência que é valorizada,

enquanto a inteligência afetiva vai sendo atrofiada em parceria com suas expressões: lingüística, espacial, musical, cenestésica, emocional, corporal... Orientados por essas concepções e práticas, os conteúdos ensinados sofrem antes uma profunda asepsia: são higienizados, despolitizados, dessexualizados, deshistoricizados, desintegrados, desvivenciados, descomunitários.

Isso é incongruente como o nosso ser porque nos dissocia do *nicho vital* (Assmann, 1999), onde a nossa dimensão *homomamífero* revela a sua necessidade de contato, de cultivar ninhos para se sentir aconchegada, fortalecendo o sentimento de proteção. A proibição do prazer neste modelo de escola é coerente com o esquecimento de que a sua sensação advém do toque, portanto, aprender não é uma experiência puramente cortical, ela é fundamentalmente tátil e sensível. Ao sermos tocados, nosso organismo produz o hormônio do prazer conhecido como serotonina, que tem a função de anular a ação do hormônio de alarme produzido pelas glândulas supra-renais, conhecido como adrenalina. Esse hormônio é importante no processo de reconhecimento de uma situação adversa, de perigo eminente. As glândulas supra-renais secretam a adrenalina que causa vasoconstrição periférica, privilegiando assim a circulação sangüínea e a conseqüente oxigenação de órgãos mais nobres do nosso corpo como, por exemplo, o coração, os rins, os pulmões, o fígado e o cérebro. Com muita freqüência ouvimos dizer que os professores vivem “adrenados”. Essa afirmativa refere-se à constante exposição destes aos efeitos da adrenalina.

Na maioria das escolas, os educadores e as educadoras convivem, diariamente e de forma simbólica, com a sensação de que serão atacados pelos diversos embates para os quais não dispõem de ferramentas ou armas para se defender. Esse mentiroso “alarme de ataque” provoca desprazer, porque bloqueia a ação dos hormônios da alegria como as endorfinas, as dopaminas e as serotoninas. Essas substâncias são secretadas mediante estímulos audíveis, visuais, olfativos, mas, sobretudo, táteis e sensíveis. Através do toque afetivo qualificador, através da carícia o corpo reage e se coloca disponível, mesmo com os conflitos internos que a mudança de relação gera.

Na escola, as relações entre os profissionais, quase sempre, privilegiam o plano cortical. Podemos presumir então que as relações de afeto, no sentido da qualificação interpessoal, pouco se materializam. Com isso, muitas pessoas se sentem sozinhas e procuram, gradativamente o isolamento. As exposições constantes a fatores supostamente de risco podem criar um padrão de condicionamento orgânico capaz de naturalizar a entropia, isto é, de neutralizar o processo negentrópico, levando à morte do organismo.

Mas, como nos ensina Leonardo Boff (2000) , quando pensamos que estamos a fazer uma leitura do mundo, na verdade estamos fazendo uma (re)leitura para que possamos compreender e interpretar as nossas experiências. Assim, o nosso ponto de vista é apenas *a vista de um ponto*. Cada um interpreta a realidade a partir de onde os pés pisam e os meus, durante vinte anos pisaram amorosamente o chão das escolas públicas. Com sua sensibilidade, Boff nos diz que, para que possamos entender como alguém lê a paisagem, é indispensável saber como são os seus olhos e qual é a sua visão de mundo, porque não há verdades absolutas e regras imutáveis. Para tanto é importante conhecer o “lugar social” do sujeito que mira a paisagem e seus cenários, como ele vive, com quem ele convive em seu cotidiano, que experiências guarda consigo, qual a sua profissão, que desejos ele alimenta em sua existência, como assume os dramas e as alegrias da vida e da morte, quais as esperanças que o animam. A Educação Biocêntrica não pode desconhecer os lugares sociais onde quer plantar suas sementes, a terra que vai acolhê-la e deixá-la germinar. Ela precisa conhecer também as sementes e a história cultural que habita o seu interior.

A Educação Biocêntrica tem aportes que lhe permite apresentar-se como uma proposição vivencial para trazer a importância do presente e do instante, da sacralização que celebra cada momento e recupera o sagrado que está contido na vida. Pode assumir então, como objetivo pedagógico e ontológico, criar situações educativas ecológicas, onde as pessoas possam compreender que a vida se auto-organiza e se desenvolve fomentada pela qualidade das nossas relações, pela luminosidade

das energias em movimento, pela alegria que cada novo amanhecer desperta em todos os filhos da Terra onde as sementes estão sendo lançadas. Promover, com isso, uma inversão epistemológica, ensinar que a aprendizagem se realiza através dos laços de amorosidade, das vivências individuais e em grupo, da vinculação ecológica com a natureza, consigo mesmo, com os outros, com o cosmos. E disso derivam-se os conteúdos, a metodologia de ensino, os procedimentos de avaliação e os objetivos, quando o lugar de sua efetivação for a escola, por exemplo.

Na escola, a Educação Biocêntrica vai contribuir para fortalecer o vínculo entre ela e a comunidade, estimulando formas distintas de participação de todos nos tempos e espaços do ensinar e do aprender. Para estimular a participação, sugere a organização de eventos variados que possibilitem a cada um integrar-se com aquilo que tem maior afinidade, experimentando trocas e constituindo-se em aprendiz que ensina e em educador que aprende. Dar ênfase às cerimônias de celebração, como mecanismo de fortalecimento dos vínculos, da partilha de experiências significadas pelo grupo (os aniversários, as datas comemorativas importantes, a prática de esportes cooperativos na natureza, entre outras). Sugere que as disciplinas tenham seus conteúdos integrados à multidimensionalidade humana e situados política, social e culturalmente. Essa inspiração pode estar vinculada aos temas mais urgentes que são propostos nas Linhas de Vivência. A formação escolar em ciclos de aprendizagem, vinculada aos potenciais do desenvolvimento humano, pode incentivar práticas inovadoras e devolver a aprendizagem o sentido perdido. Podemos propor às escolas um projeto de média duração que contemple a formação continuada dos educadores e da comunidade, através de uma educação que se dança e de uma aprendizagem que se vivencia.

Como facilitadores é indispensável que o nosso trabalho possa colocar a educação em geral no âmbito da complexidade, para permitir à escola e outras instituições um reeditar de conceitos cristalizados e de práticas repetitivas; para que possam privilegiar as explicações dinâmicas das realidades, construir sinergismos entre os conceitos, localizar os antagonismos complementares,

transitar pelas distinções associativas, reconhecer quais as emergências que dançam no movimento onde o conhecimento se encontra com a vida. O paradigma biocêntrico nos possibilita entender a aprendizagem como uma rede de conectividade que dá sentido a existência e, com isso, a nossa inclusão crítica nessa rede para ampliar a conduta ético-estética na relação com a vida.

O que desejamos é compartilhar com os grupos este movimento sinuoso que transversaliza o conhecer, o ensinar, o estar-junto, o ser cuidadoso na presença do outro para refutar a ordem excessiva que torna as aprendizagens patológicas quando paralisa o que é dinâmico. Orquestrar experiências educativas que retirem as pessoas da rotina diária, para que elas possam adentrar em relação com mundos possíveis, às vezes invisíveis ao não iniciado, para que possam *abrir-se ao estremecimento da criação e à surpresa do milagre*, é o que nos sugere Restrepo (1998: 93).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria da Conceição de. “Complexidade, do casulo à borboleta”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 21 a 41].

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 4. ed., Campinas, SP: Papirus, 2001.

ANTUNES, Celso. **O lado direito do cérebro e sua exploração em aula**. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBOSA, Hélia. “Abuso e exploração sexual de crianças: origens, causas, prevenção e atendimento no Brasil”. In: **Inocência em perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na Internet**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. [Pgs. 24 a 41].

BOFF, Leonardo. “Identidade e complexidade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 55 a 67].

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
_____. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 34. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BUBER, Martin. EU e TU. 8. ed., São Paulo: Centauro, 2001.

CAVALCANTE, Ruth. **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza, CE: Edições CDH, 2001.

ESTATUTO DE PO+ÉTICA PARA CRIANÇAS. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação: Divisão de Educação Fundamental, 2002.

FINKIELKRAUT, Alain. **A humanidade perdida: ensaio sobre o século XX.** São Paulo: Ática, 1998.

FREI BETTO. “Indeterminação e complementaridade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). **Ensaio de complexidade.** 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 42 a 48].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil.** 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Vivência: caminho à identidade.** Fortaleza: Editora Viver, 1995. [Pgs. 47 a 93].

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

JACUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos.** 3. ed., São Paulo: Peirópolis, 1998.

_____. **Tupã Tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani.** São Paulo: Peirópolis, 2001.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LANE, Silvia T. M e ARAÚJO, Yara. **Arqueologia das emoções.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial.** 7. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade.** Tradução dos artigos: Tomaz T. da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo.** Tradução de Juremir M. da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **No fundo das aparências.** Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MATURANA, Humberto e VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José F. C. Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. **A ontologia da realidade**. Tradução e Organização Cristina Magro [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

_____. **Formação humana e capacitação**. 3. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 8. ed., Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Organização e Tradução Paula Yone Strob. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. “Complexidade e ética da solidariedade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 07 a 20].

_____. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002a.

_____. **Terra-Pátria**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002b.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução Edgar de Assis Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ORTEGA Y GASSET. **Uma crítica da razão pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PAUL, Patrick. “A imaginação como objeto de conhecimento”. In: CETRANS. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002. [Pgs. 123 a 156].

RANDOM, Michel. “O território do olhar”. In: CETRANS. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002. [Pgs. 27 a 44].

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araújo W. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOARES, Carmem Lúcia e FRAGA, Alex Branco. “Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas”. In: **Pro-Posições**. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. – Campina, SP: v. I, n. I, mar/ 1990. [Pgs. 77 a 90].

SOUSA, Ana Maria Borges de. **Infância e violência: o que a escola tem a ver com isso?** Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado). [Pgs. 59 a 74; 83 a 90].

TEDRUS, Dora M. de A. Sousa. **A relação adulto-criança: um estudo antropológico em creches e em escolinhas de Campinas**. Campinas, SP: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998. [Pgs. 09 a 54].

TORO, Rolando. **Coletânea de textos para a Biodanza**. Inéditos.

TORO, Rolando. **Inconsciente vital e princípio biocêntrico**. Santiago: International Biocentric Foundation, 2003.

TORO, Rolando. **Biodanza**. 2. ed., São Paulo: Editora Olavobrás, 2005.

TORO, Rolando. **A vivência**. Santiago: International Biocentric Foundation, 2004.

VARELA, Francisco J. **Ética y acción**. Santiago do Chile: Dolmen Ediciones, 1991.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. **A educação integrada à vida: analética e visão biocêntrica – distinções e convergências**. Pelotas: Edição Independente, 2002.

VIGARELLO, Georges. “A história e os modelos do corpo”. In: **Pro-Posições**. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. – Campina, SP: v. I, n. I, mar/ 1990. [Pgs. 15 a 19; 21 a 29].

Uma contribuição de:

Ana Maria Borges de Sousa – “Ana Baiana”
Professora do Centro de Ciências da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina

anabaiana@ced.ufsc.br e anabaiana@brturbo.com.br

FONES: (48) 3234-3200 Residência 3331-9557 UFSC 9602-1345

OS SETE PODERES DA BIODANZA

por Myrthes Gonzalez

Introdução

Este texto é inspirado em uma palestra de Rolando Toro que tive o prazer de assistir durante o Encontro da Regional Sul de Biodanza, ocorrido em novembro de 2004 no Chile; cujo tema era “Os Sete Poderes da Biodanza”. Rolando, na ocasião com 80 anos completados em abril, apresentava uma lucidez e um brilho que me impressionaram. Fazem mais de vinte anos que o encontro, ouço suas palavras e vivencio suas propostas; sentindo seu pensamento cada vez mais maduro e pleno de valor. Nesse sentido, vendo a importância desse tema, pensei que seria muito interessante desenvolvê-lo em um texto que pudesse servir tanto a quem já conhece quanto a quem quer conhecer a Biodanza.

A relevância desse tema está justamente no que ele tem a nos revelar a partir de certos questionamentos. Por que, apesar da sua semelhança com muitas outras disciplinas, a Biodanza se apresenta como única? O que a torna diferente e particularmente eficaz no que se propõe? Como uma proposta de celebração da vida e resgate da alegria de viver pode trazer efeitos que vão do fisiológico ao existencial?

O presente texto nos fala dos poderes da Biodanza, dividindo-os em sete aspectos; muitos dos quais, apesar de presentes em outras metodologias, não se encontram unidos em um único sistema.

Para começar... O que é Biodanza?

Ao buscar uma definição, podemos equivocadamente tentar encaixar a Biodanza nos mais diversos tipos de atividades. Isto acontece porque, antes de tudo, ela é fruto da transdisciplinaridade, ou seja, da fusão do conhecimento de diversas áreas que possibilita a criação de algo completamente inédito.

Por ser uma proposta vivencial que busca facilitar o desenvolvimento dos potenciais humanos, a Biodanza pode ser considerada uma pedagogia. Apesar dos seus vários efeitos terapêuticos, ela não se pretende como terapia por não estar voltada à cura. Também não é uma religião; embora propicie o reconhecimento da importância da valorização da vida e do contato, oferecendo ao participante a possibilidade de perceber o valor transcendente de sua presença no mundo.

A Biodanza é um sistema criado nos anos 60, no Chile, pelo antropólogo e sociólogo Rolando Toro Araneda. Considerando a dança como movimento carregado de emoção, Rolando percebe sua capacidade de produzir alterações fisiológicas que deflagram potenciais adormecidos. Todos nós temos uma infinidade de potenciais em estado latente, os quais não se manifestam pela ausência de estímulos ambientais positivos ou, em muitos casos, pela presença de estímulos negativos repressores. Rolando descobre que a dança, devido a seus conteúdos emocionais e arquetípicos, pode levar o dançarino a contatar seus potenciais não manifestos.

Na dança existe um envolvimento direto com a música; cuja semântica necessariamente não traduz idéias, mas sempre produz emoções. É fácil ver como nos afeiçoamos a determinadas músicas, mesmo quando suas letras nos pareçam incompreensíveis.

A música nos passa primeiramente uma emoção, a partir da qual se pode gerar uma idéia ou uma imagem. Também podemos apreciar determinadas músicas por associação a acontecimentos especiais em nossas vidas; contudo, essa não é uma condição necessária.

A dança é o movimento gerado pela emoção que a música propõe. Quando existe um total envolvimento do dançarino com a música, ele vive completamente o instante do aqui-agora como dimensão atemporal sem passado ou futuro. Na dança, o dançarino está completamente voltado para a manifestação de si mesmo através da emoção do movimento que, de acordo com a semântica musical, o conduz a vivenciar seus potenciais; alguns já manifestos, outros vivenciados pela primeira vez.

A Biodanza é um sistema de integração afetivo-motora baseado em vivências induzidas pela dança, música e situações de grupo. Visto que a emoção de viver o aqui-agora é pouco traduzível em palavras, torna-se difícil explicar o que é Biodanza para quem nunca a vivenciou. Ela não pode ser restringida a uma metodologia, ou mesmo um método; apesar de utilizar uma metodologia que expressa um sistema de pensamento. Neste sentido, se operacionaliza através de um modelo teórico complexo e sistêmico que propõe uma interação sincrônica entre processos metabólicos, fisiológicos, físicos e emocionais. Ao considerar todos os processos como um único processo, vê o ser vivo como único e vital em sua interação com o meio.

Mas o que pode ser considerado meio? Meio são os fatores ambientais chamados, em Biodanza, de eco-fatores. Estes podem ser positivos ou negativos, ou seja, podem estimular ou inibir os potenciais (características genéticas herdadas). A Biodanza visa estimular a manifestação dos nossos potenciais latentes através da música, da dança e de situações grupais.

Os Sete Poderes da Biodanza

Música

A música é uma espécie de linguagem universal que fala direto à emoção. Apesar de ser concebida dentro de um contexto cultural, ou seja, de explicitar a cultura de um povo; ela transcende este aspecto ao falar das emoções e sentimentos de uma forma compreensível a qualquer pessoa, independentemente da sua origem.

A música transcende a cultura, apesar de ser produto desta, porque fala à emoção que vem antes da cultura. Os efeitos da música não se restringem às zonas mais recentemente desenvolvidas do cérebro; ela tem uma ação direta no sistema límbico-hipotalâmico. Quando dançamos liberamos neurotransmissores e hormônios cujo ciclo fisiológico tem atuação maior que o tempo da dança.

A música tem efeito direto sobre o estado de ânimo, podendo induzir emoções de tristeza, alegria, amor, raiva etc. Cada música tem uma semântica musical que pode trazer uma significação arquetípica de base. Por exemplo, uma música pode ser identificada com um elemento da natureza - água, terra, fogo e ar. A leveza da valsa traz a presença do ar; a paixão do tango, o fogo; a bossa-nova, a água; as batucadas, a terra.

Em Biodanza a música tem uma presença central; é ela que conduz à vivência, que motiva o movimento. O convite é se fundir com a música, se entregar totalmente às suas ondas e pulsações. O facilitador é quem escolhe a música a ser utilizada, de acordo com o tipo de vivência que deseja propor. Além da música, há o movimento e o significado da dança, transmitido de forma verbal e poética pelo facilitador.

A soma dos três elementos - música, movimento e fala do facilitador (consigna) - cria o ambiente básico para gerar a

vivência. Outros fatores importantes são o grupo e o ambiente onde esta ocorre.

A música utilizada em Biodanza não segue uma especificidade de gênero; podem ser utilizadas músicas que vão do clássico ao popular, em todas as suas variações. O que interessa é a emoção que a música deflagra e o grau de integração que pode gerar. Existe uma seleção de músicas adequadas; a Biodanza não é uma dança livre em que se pode utilizar qualquer música com qualquer proposta. É importante salientar que a simples dança livre tende a reforçar dissociações e que músicas dissociativas geram movimentos e formas não integradas de estar no mundo. A música em Biodanza deve propiciar o reforço da integração corporal e estimular o vínculo afetivo. Em sua conotação erótica, a música deve conter elementos de integração afetivo-sensual e levar à vivência do prazer de dançar e do desejo de viver. Ainda existe a possibilidade de o grupo produzir a própria música com instrumentos de percussão simples ou somente com a voz. Também é possível utilizar música ao vivo ou simplesmente os sons da natureza em ambientes em que esta se encontra preservada e íntegra.

Integração afetivo-motora

A Biodanza tem como um de seus pontos centrais a integração afetivo-motora, movimento que parte de uma motivação afetiva e a expressa. Nossa cultura tem se caracterizado por uma repressão ideológica da manifestação, através do movimento, das nossas emoções e sentimentos; somos “treinados” a controlar até nossas expressões faciais na intenção de não revelar o que sentimos. Hoje o movimento é associado à produtividade; um bom exemplo disso é o *taylorismo* - sistematização do movimento humano em relação ao meio de forma a gerar o máximo de produção com o mínimo gasto de energia.

Experimentamos uma forte dissociação entre mente e corpo; considerado o corpo algo menor que a mente, um lugar de

passagem onde moramos nesta vida. Esta visão corrobora para uma mecanização do corpo e dos movimentos; o corpo passa a ser uma máquina de produzir. Em nossa cultura desintegrada o corpo é visto como algo externo, que nos pertence; nesse sentido, é tratado para ser belo, produtivo e saudável. Estamos muito longe da conscientização de revelações que um organismo integrado faz a si mesmo. Como consequência, sofremos frequentemente com estresse, sobrepeso, bulimia, pânico, depressão, doenças psicossomáticas, solidão, carência sexual.

A maioria de nós tem dificuldade de saber quais são suas reais necessidades. Estamos imersos em um turbilhão de informações sobre novos produtos a serem consumidos; o que cria necessidades, antes não existentes, que mascaram nossas reais necessidades. Vivemos em um ciclo compulsivo de trabalho alienante, buscando dinheiro para comprar coisas que na realidade não são importantes. No início do século XX, Freud falou a respeito do mal-estar da civilização, referindo-se à proliferação de sintomas de histeria, consequência da repressão sexual. Hoje podemos dizer que “evoluímos” para formas de repressão mais sofisticadas. Não se reprime a conduta sexual; mas o desejo que, utilizado pela mídia, é manipulado de forma tão profunda que jamais chegamos exatamente a saber o que é importante em nossa existência.

Continuamos vivendo em uma cultura de forte repressão sexual; mas seus reais sintomas foram se ocultando atrás das marcas da depressão, consequência do *non-sense* em que nos encontramos. A falta de reconhecimento do valor da vida acaba gerando vazio e falta de perspectivas; nada parece ter valor. Assim surgem verdadeiras epidemias relacionadas ao que chamamos de desequilíbrio mental; mas que só fazem nos mostrar um profundo vazio existencial: depressão, compulsões, pânico.

Ao propor a integração afetivo-motora, a Biodanza resgata o sentido do que necessitamos. Nossas necessidades aparecem na expressão dos nossos desejos, formas simbólicas de manifestação destas. Por exemplo: necessito amor; portanto, em relação a essa necessidade, desejo fazer amigos ou ter um amor. É justamente

nesse ponto que a mídia entra em ação, incutindo modelos e desviando a necessidade de seu curso natural. Se tivermos necessidade de amor, podemos comprar infinitas marcas de produtos de beleza ou mesmo uma máquina de lavar que um ator simpático, que viveu um personagem encantador na última novela, apresenta no comercial de TV. Posso pensar que somente poderei viver a história de amor que vi na novela quando tiver os cabelos tão bonitos quanto os da atriz que fazia a personagem que contracenava com o ator da lavadora. Assim, enquanto aquele romance não vem, compro a lavadora e refaço o estoque de xampu; e, é claro, trabalho muito para adquirir estes objetos que se tornam imprescindíveis. E o amor? Bom o amor... será que realmente preciso de um amor como aquele da novela?

Em Biodanza procuramos contatar com a estrutura original do desejo, o mais próximo possível da necessidade, e agir de acordo com este; buscando o que mais profundamente nos move.

Mas isso seria o fim da neurose?!

O fato de vivermos em uma civilização com fortes determinantes culturais sempre nos criará certo grau de neurose, o que nos força a adaptar e controlar nossas ações. Mas quanto maior for nossa integração afetivo-motora, mais afastados das neuroses estaremos.

A Biodanza busca resgatar o contato com nossos instintos básicos, que corresponderiam a nossas necessidades. É preciso lembrar que, ao contrário de muitas fantasias, o instinto é auto-regulável, ou seja, tem por fundamento a preservação do indivíduo e da espécie. É um comportamento em *feed-back* com o meio; portanto, não é destrutivo. A etologia humana tem demonstrado o quanto nossos comportamentos são herdados.

A Biodanza propõe o resgate da nossa capacidade de *feed-back* com o meio. A integração afetivo-motora é o movimento que parte de uma motivação afetiva em ressonância com o meio, que regenera o vínculo com a vida. Leva a uma constante dança que não é apenas um movimento em um momento preciso; é vida, pois o que vive dança em continuidade.

Vivência

É possível que a percepção da realidade tenha mudado com a invenção do relógio? Este instrumento, tão popular em nossos dias, entrou para a história, como mecanismo, há cerca de quinhentos anos. Simboliza uma etapa da história da humanidade, o mecanicismo, quando a ciência concentra-se na mensuração.

Imaginemos o espaço como uma coordenada vertical e o tempo como uma coordenada horizontal. Quando estabelecemos um ponto de encontro, uma reunião com amigos, por exemplo, sempre haverá essas duas coordenadas: tempo e espaço. Seria altamente improvável que esses amigos conseguissem se encontrar sem essas coordenadas. Neste sentido, mensurar mecanicamente o tempo, padronizá-lo e popularizá-lo foi um grande progresso. Assim, pouco a pouco, toda a estrutura social começa a se organizar de acordo com os ponteiros do relógio. Porém, essa organização foi se tornado tão rígida que, ao invés do relógio permanecer, como originalmente, a serviço da humanidade; as pessoas é que acabam ficando a serviço dele. Passamos a viver em uma espécie de prisão virtual em que nosso organismo deve se adaptar aos tempos cronometrados, mesmo que estes representem uma violência para ele. Bebês rigorosamente alimentados de três em três horas; crianças sentadas em fileiras durante ininterruptas horas; adultos enfrentando diariamente o trabalho repetitivo de uma linha de montagem. O relógio marca o início de um afastamento dos tempos orgânicos, regulados pela natureza e seus ciclos. Acostumados a viver em uma sociedade impositiva, somos incapazes de mudar a realidade. A tecnologia, que originalmente se desenvolve com a promessa de libertar homens e mulheres de infinitas horas de esforço, proporcionando-lhes tempo para desfrutar da vida e das artes; na realidade, acaba por servir a um sistema alienante gerador de neurose e impotência.

Pensando na evolução da vida, verificamos que os mamíferos tem um sistema nervoso muito complexo; somos capazes de desenvolver aptidões sociais como linguagem, comunicação, memória, organização grupal. Estas funções concentram-se em uma área do cérebro chamada de neocórtex; responsável também por compor operações complexas, individuais e grupais, que se traduzem por ações concretas no meio. Já as funções de auto-regulação orgânica - percepção de sensações de fome e sede, frio ou calor, perigo ou prazer - pertencem a uma área mais antiga do cérebro chamada de sistema límbico-hipotalâmico, a sede das emoções. O córtex e o sistema límbico funcionam de forma integrada; a percepção de uma necessidade conduz a uma ação estratégica que busca no meio a sua satisfação.

O córtex, além de facilitar a operacionalização de soluções inteligentes, tem uma função frenadora igualmente importante. Esta função refere-se principalmente a condutas sociais que levam o indivíduo a avaliar qual a melhor forma e momento para se colocar frente aos demais membros de sua comunidade. Determinadas circunstâncias podem não ser adequadas para buscar sexo, alimento, espaço; sendo mais inteligente esperar. Avaliada estrategicamente, esta modulação gera a capacidade de postergar, de esperar o momento adequado de agir; contudo, não se deve adiar a ação ao infinito, o que pode causar uma série de complicações orgânicas.

No caso do ser humano, essa função natural sofreu profundas implicações com o processo de civilização. Desse modo, a função frenadora do córtex acabou servindo para ajustar o indivíduo a uma realidade externa impositiva que, na maioria das vezes, exercia um poder coercivo sobre ele; baseado na punição e sua conseqüente emoção, o medo. As naturais relações hierárquicas dentro dos grupos vão se transformando em relações de poder e imposição; perpassadas por propriedade privada, guerra e trabalho escravo. A civilização, ao exacerbar a função frenadora do córtex, acaba gerando uma série de doenças relacionadas à postergação e repressão das necessidades básicas. O desrespeito aos ciclos fisiológicos traz alterações orgânicas, perceptuais e emocionais como conseqüência.

Muitas vezes, ao invés de se criar uma estratégia direta para conseguir comida e saciar a fome, busca-se postergar a satisfação desta. Neste caso, a repetida falta de ação concreta pode produzir, em médio prazo, sintomas orgânicos como gastrite e dores de cabeça; e emocionais como angústia, medo, sensação de impotência e baixa auto-estima. Postergar e reprimir são conseqüências de uma vida determinada neuroticamente pelos ponteiros do relógio.

A vivência em Biodanza é proposta no sentido de se retornar à função estratégica e criativa do córtex, buscando sua integração ao sistema límbico-hipotalâmico. O momento da vivência é de ruptura com o tempo cronológico, quando a realidade passa a ser percebida em sua dimensão atemporal. Durante a vivência há uma alteração da percepção. No tempo cronológico, um abraço dura um minuto; no tempo vivencial é eterno, sem tempo, capaz de adquirir um significado especial na existência de quem o vive. Na atemporalidade da vivência, nenhuma emoção permanece; todas são vividas intensamente no aqui-agora. O retorno ao tempo cronológico, após a vivência, pode ser o momento de integrar a experiência vivida ao cotidiano; de buscar a concretização do que realmente tem valor, reconhecendo as reais necessidades e resgatando a potência frente à vida. A vivência pode ser entendida como base para processos educacionais voltados à vida, ao invés de direcionados à produção e consumo. Neste âmbito, a cognição se desenvolve em uma relação de prazer e amorosidade com o mundo.

Transe

Sob a base perceptual da vivência está o transe, que pode ser definido como um estado e uma passagem. Nossa cultura teme os estados de transe; associando-os ao misticismo, à perda de controle e à loucura. Existe a crença de que pessoas comuns e adaptadas ao sistema não devem acessar a experiência de transe.

Na realidade, o fato é que o transe é uma necessidade que têm bases fisiológicas. Todos os dias, ao dormirmos, entramos em estado de transe, que é a passagem de um estado perceptual a outro. Esta alternância está ligada aos ciclos naturais, a nossa natureza rítmica e cíclica. Assim, o transe é um processo natural de contato com nossos ritmos orgânicos.

A Biodanza entende o transe como a passagem de um estado de consciência de si, enquanto singularidade; para outro estado de consciência de si na fusão da totalidade, enquanto parte de um todo maior (família, grupo, ecossistema, planeta). Aprofundar os estados de transe significa agir diretamente sobre o equilíbrio homeostático, gerando momentos de estabilidade e instabilidade que levam ao desenvolvimento e a auto-regulação orgânica. Os estados de transe também promovem renovação celular e estimulam a ação no mundo.

Em realidade, o ser humano necessita e procura por estados de transe; quando a manifestação destes é reprimida no ambiente cultural, mecanismos sociais criam válvulas de escape adequadas à manutenção de certa ordem. Atualmente o transe vem sendo praticado em várias religiões; induzido por substâncias alucinógenas; vivenciado em eventos coletivos socialmente aceitos - partidas de futebol, shows musicais e festas como o carnaval.

O problema da restrição cultural a certos tipos de manifestação de transe é a possibilidade de se reforçar ou gerar dissociações individuais ou coletivas. Um transe religioso de possessão pode causar, após a cerimônia, mal-estar físico e depressão na pessoa que foi o “cavalo” da entidade. A utilização de alucinógenos e demais substâncias que alterem o estado de consciência pode causar dependência e “detonar” núcleos psicóticos ou neuroticamente compulsivos. Pessoas extremamente contidas e adaptadas às normas sociais podem manifestar toda sua agressividade durante eventos de grande amplitude.

O transe em si, independentemente da circunstância em que se manifesta, é natural e necessário a todo ser humano. Porém, dependendo de como é conduzido, pode se tornar extremamente dissociativo ao refletir o ambiente em que está sendo induzido.

A proposta do transe em Biodanza é a integração em vários níveis. Nesse sentido, o estado de transe não “detona” núcleos psicóticos ou neuróticos; pelo contrário, gera bem-estar, possibilita a dissolução gradual de couraças musculares (tensões crônicas) e aumenta a autopercepção ao reforçar a noção da própria identidade. Caracteriza-se por ser conduzido cuidadosamente, de forma progressiva e nunca imposto, em ambiente afetivamente acolhedor que facilita a reconexão com os ritmos fisiológicos e necessidades essenciais. Um transe integrador gera uma maior consciência corporal e ajuda a construir uma auto-imagem positiva, o que reforça a auto-estima.

O estado de transe abre a possibilidade da percepção da própria pessoa enquanto ser erótico, afetivo e transcendente. Oferece a oportunidade de regredir a estados de menor vigilância em relação à repressão que temos introjetada; quando é possível se propor vivências docemente erótico-afetivas que oportunizem a descoberta do nosso potencial de amor e prazer. Aspectos como esses são pouco valorizados em nossa cultura porque não estão diretamente ligados à produção e ao cumprimento de metas e objetivos. Entretanto, acreditamos que ao buscarmos nossa realização no estabelecimento de relações afetivas com os demais e na satisfação com o que fazemos; estaremos mais saudáveis e concretizaremos nossos objetivos e metas com outra qualidade, a do ser.

Carícia

Embora a carícia seja uma das formas de comunicação mais bloqueadas em nossa cultura; nos últimos anos o toque vem sendo revalorizado por muitas terapias e técnicas terapêuticas que nos falam dos efeitos benéficos do ato de tocar e da importância do tocar e ser tocado.

Em Biodanza há uma profunda diferença entre carícia e toque. Nem todo toque é carícia; esta se diferencia por ser um toque direcionado e intencional, um toque com comprometimento

afetivo-sensual que favorece a empatia. A carícia acontece quando toda a atenção está voltada para a pessoa acariciada e existe uma mobilização do centro afetivo de quem dá e recebe. Junto ao componente afetivo há uma eroticidade que pode ser mais, ou menos, pronunciada; podemos encontrar carícias fortemente sensuais com um componente afetivo em segundo plano, ou vice-versa. Em toda carícia afetiva haverá nuances eróticas que dizem respeito ao simples prazer e satisfação que o ato em si provoca.

A carícia é uma ação extremamente integrada; envolve integração afetivo-motora e afetivo-erótica, além da capacidade de entrar em relação de *feed-back* com o outro. Por implicar capacidade de entrar em interação e percepção do outro e de si mesmo, não existe carícia imposta.

As mãos são a parte do nosso corpo que comumente se envolve diretamente no ato de acariciar. De fato, a mão tem um formato anatômico adaptado que se molda à forma da pessoa acariciada; possibilitando a expressão de vários sentimentos e emoções através da variação da pressão, velocidade e intensidade do toque. Na Biodanza, buscamos resgatar a expressividade das mãos no ato de acariciar. Com o tempo descobrimos que as mãos têm muitas formas de comunicar e que um simples toque pode substituir muitas palavras.

Mas o mundo das carícias não envolve somente as mãos; onde houver pele, há infinitas possibilidades de se expressar carícias. Ainda há as formas de carícia que não envolvem o contato direto com a pele, estas também são de grande intensidade. A carícia de um olhar pode ser, ao mesmo tempo, muito sutil e forte. Em Biodanza se aprende que é possível olhar sem julgar, “olhar com o coração”; procurando perceber a essência de cada pessoa. O olhar diz muitas coisas; nossas emoções transparecem através do olhar, mesmo que tentemos negá-las pela expressão do rosto. Quando olhamos “olhos nos olhos” encontramos uma história de vida, força e fragilidade pulsando juntas. No olhar não existem máscaras; talvez seja por isso que nossa cultura evite o contato do olhar.

Outra forma de carícia é a palavra, o diálogo simples e qualificante. Costumamos usar muitas palavras para expressar conceitos intelectuais, falar de coisas superficiais; porém, quando o assunto é sentimento, grande parte das pessoas encontra dificuldade. A carícia verbal é a expressão simples, clara, poética e encantadora do que se sente.

Rolando Toro propõe um novo tipo de relação baseada no que chama de estética antropológica, entendida como a capacidade de ver e comunicar o que há de belo no outro. Muitas vezes atitudes violentas, descuidadas e superficiais são vistas como naturais e cômodas; palavras adquirem a densidade emocional da desqualificação. A estética antropológica está diretamente relacionada à carícia no sentido de promover a qualificação, o cuidado e a amorosidade na relação com o outro.

Uma pessoa que recebe carícias regularmente é mais saudável. Do ponto de vista fisiológico sabemos que a carícia é essencial para o desenvolvimento da bainha de mielina nos bebês e sua posterior preservação no transcorrer da vida. As carícias também promovem a formação de redes sinápticas, que não existiriam sem este estímulo.

Ampliação da percepção e da consciência

O que forma a consciência é nossa capacidade de perceber o mundo e nós mesmos. Entretanto, nossa percepção se restringe a uma pequena parte da realidade. Não obstante nossos sentidos só serem capazes de perceber uma parcela dos estímulos do meio, formamos barreiras que nos impossibilitam conscientizar tudo que percebemos. O que chamamos consciência é o âmbito da percepção que nos permite ter uma pequena noção da nossa existência; tateamos em noções sobre como somos e qual nosso lugar no mundo. A organização da consciência é simbólica e conceitual.

Hoje vivemos em um mundo que valoriza e possibilita amplo acesso às informações; porém, ser bem informado não

significa ser consciente. A consciência se forma em um processo de interação com o mundo, ao protagonizarmos nossa própria história. Uma das características da consciência é sua capacidade de expansão; durante a existência podemos ampliar gradualmente nossa percepção e atingir graus cada vez mais sutis e elaborados.

A Biodanza propõe um processo de desenvolvimento da consciência a partir da interação com a realidade, possibilitando o envolvimento e conhecimento do mundo que nos rodeia. O excesso de informações a que somos submetidos diariamente pelos meios de comunicação de massa; ao invés de nos aproximar da realidade, nos distancia dela ao gerar um sentimento de impotência diante dos fatos cotidianos.

O conhecimento implica a ação sobre o fato, o viver algo; portanto, é um estado mais avançado que a informação, fato em si. A sabedoria vem do acúmulo de conhecimento, que pode ser enriquecido por informações. O saber é um segundo passo, vai além do conhecer. A sabedoria vem da maturidade alcançada não somente com a idade, mas com a intensidade e profundidade da vivência. Todos nós somos capazes de ser sábios, mas para isso é necessário ir além do embotamento característico da nossa cultura. Para tanto, primeiro devemos nos encantar com a vida, brincar e perder o controle da situação. O saber é fruto da afetiva e apaixonada interação com a realidade.

A Biodanza nos proporciona uma nova sensibilidade frente à vida. Sabedoria não é poder, imagem ou ego; é ser, sentir e docemente perceber. A doçura da percepção, a sensibilidade frente à manifestação da vida e a singularidade de cada momento único são valores cultivados vivencialmente na Biodanza.

O Grupo

O grupo é a matriz do desenvolvimento humano. A socialização compõe um fator fundamental na formação da nossa maleável relação com o mundo, determinando grande parte de nossos comportamentos futuros. O ser humano, ao nascer, se

encontra muito imaturo e indefeso, incapaz de gestos mínimos como se alimentar ou se deslocar sozinho. Tal condição, comum nos mamíferos, se prolonga na espécie humana, por isso necessitamos ser cuidados por um tempo maior. Esta aparente vulnerabilidade acabou sendo um fator fundamental para nossa sobrevivência como espécie que se distingue por sua herdada capacidade de aprender. O tempo estendido tornou-se essencial para a formação de laços afetivos, base sobre a qual construímos nosso complexo processo de aprendizado. Desta forma, podemos dizer que a qualidade da convivência com pais, avôs, familiares, amigos e comunidade é um fator determinante para o ser humano na medida em que o compartilhar com os demais constrói nossa humanidade.

Atualmente a função de proteção, tão marcada em pequenas comunidades e grupos primitivos, está desaparecendo com o crescimento das cidades, que mantêm seus habitantes no anonimato. Em comunidades pequenas é comum todas as pessoas se conhecerem pelo nome; já nas grandes cidades, muitas vezes, se não na maioria, os próprios vizinhos de porta são incapazes de se comunicar. As famílias tendem a reduzir de tamanho e muitas pessoas aprendem a viver sozinhas. Surge o fenômeno da solidão em massa; apesar de estarmos cercados fisicamente por muitas pessoas, estamos emocionalmente sozinhos. Como consequência, nossa capacidade de interação se restringe ao que é necessário ou utilitário e nossas relações se tornam cada vez mais superficiais, permeadas principalmente pelo medo e pela desconfiança. Desta forma, aos poucos perdemos a consciência de nós mesmos.

O grupo é um elemento fundamental na estruturação da identidade, o reconhecimento dos demais é a base para o próprio reconhecimento. A qualidade da convivência em grupo influencia a saúde mental e somática de cada indivíduo.

Em Biodanza, o grupo é matriz de renascimento. Nossa proposta é formar grupos que se reúnam periodicamente com a intenção de crescer e desfrutar a vida juntos, reforçando os laços afetivos através da valorização da presença de cada participante. Em uma cultura de solidão, como a que vivemos atualmente; a

simplicidade desta proposta têm efeitos profiláticos e curativos muito potentes. A renovação provocada pela convivência afetiva dentro de um grupo pode ser comparada a um renascimento.

Conclusão

O sistema Biodanza está construído sobre uma base teórica em que aspectos aparentemente estanques interagem de forma coerente, formando um único sistema de alta eficácia operacional. Os sete aspectos aqui tratados estão em simultânea interação durante cada aula de Biodanza; juntos eles formam o poder de transmutação da própria Biodanza.

Considero a Biodanza um sistema de altíssima importância dentro da busca por uma sociedade mais humana e igualitária; ajudando, de forma estruturada, as pessoas a saírem de seu isolamento e superarem suas dissociações. O mundo necessita de metodologias que tragam resultados eficazes para o resgate da saúde mental do ser humano, gerando uma sociedade voltada para o amor e cuidado pela vida. A Biodanza é um sistema capaz de gerar esses resultados.

Bibliografia

- 1- Anoações feitas durante palestra do professor Rolando Toro no IX encontro da regional sul de biodanza no Chile em 2004.
- 2- livro de rolando
- 3- livro de sanclair
- 4- livro de cesar - vivencia
- 5- apostilas da formação
- 6- ROLINK, Suely & GUATTARI, Félix *Micropolítica: cartografias do desejo* Petrópolis: Vozes, 1986
- 07- RAGO. L. M. & MOREIRA, E.F.P. *O que é taylorismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 08- monografia carmem
- 09- monografia lilian
- 10- monografia angela e jorge
- 11- chiaui, marilena – *O que é ideologia* – ed brasiliense

EXPRESSÃO DA IDENTIDADE EM FORMA DE POESIA

Geny Aparecida Cantos³

A identidade se expressa nas 5 linhas de vivências (vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência), que são os canais por onde se circulam a programação herdada em suas expressões vitais. A identidade se forma no momento da concepção (biológico) e também das relações com as pessoas (social), sendo um processo contínuo de transformação .

O jeito de fazer de cada um é a expressão dessa identidade. Tem a ver com o cheiro, com a voz , com o corpo, com a mente e com a maneira como se sente a vida. A expressão espontânea desse conjunto de qualidades essenciais permite que o gesto se traduza em emoção, promovendo modificações integrativas, movimentos que brotam do coração. E o gesto expressivo se materializa na poética, em um movimento pulsante entre o físico e o psíquico em um poema sem especulação lógica, mas com uma imagem singular e inesgotável de estimulação do seu fazer artístico.

E a composição dos versos se articula de gestos e afetos, em uma alucinação artística, ligados um ao outro por um canal perceptivo, coberto de imaginação criativa, em uma subida sensação de entendimento, de que a arte se dá em um duplo

³ Professora, doutora do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

movimento, entre o eu e o outro e juntos formam uma terceira identidade.

Mas quem sou eu?

*Eu sou quem? Eu sou o que?
A princípio não sei
Mas aos poucos descubro e me dou conta de que não sou
uma ilha isolada*

Sou uma partilha do universo, uma parte da terra

E sou a totalidade junto com todos.

Eu sou muitas possibilidades, com uma grande credibilidade

*Vivendo a dualidade para criar a realidade
Eu sou a eternidade divina, a luz da totalidade
A cada momento gerando vida, vivendo a vida, respirando
vida, sendo vida
Eu sou um ser apaixonado, realizado, muito amado, estando
sempre ao meu lado*

Eu sou compaixão de mim mesma

Eu sou aceitação de meus vazios

*Eu sou o universo transformando cores descobertas
O abraço da árvore no canto alegre do vaga-lume em
trânsito
Vislumbre presente para você*

Queridos unidos para amar quem for e vier

E quem é você?

*Você é tudo, é lindo, é eu, somos nós
Você é você e também é puro, é tudo, é nada
É cada pedaço do universo
É total, é inteiro, é segmentado, é também completo
Você é simplesmente você
É assim como todos*

Faz parte do todo

*Você é o sorriso eterno,
trans formando o oceano de mistérios nas ondas embaladas
pelas estrelas
Você é o latente pulsar do coração, do mundo
A brincadeira esperada
A inocência em hino
A essência mais bonita*

Você é espelho da minha própria exuberância

Espelho de liberdade

*Espelho da minha beleza
Você também é luminosidade divina!
Divino farol...*

Você é cristal de luz...

*Que faz um arco-íris para mim e o universo inteiro...
Única e exclusiva em sua expressão...
Doce e suave...*

*Flui em total entrega preenchendo com onda de total beleza
Profundidade e prazer sua própria criação*

Você é raio de luz para o meu tocar e meu olhar

*Um calor profundo chega ao meu coração encontrando a
tua alma com amor.*

*Você é terra, mãe, gaia, ventre, criação, doçura, loucura,
luz, avó, gratidão*

*Você é fortaleza, ribeirão, cascata, passarinho, ninho,
furacão*

Um vaso mágico, um berço, um lampião

Você é voz, canto, sussurro, medo e salvação

Você é porto seguro, é mar, é dança, é lentidão

Você é um fio na teia da criação

Você é mulher, diva, é celebração.

Seria a consciência real a atração instigante destes poemas? Ou seriam os ideais de beleza concebidos de forma tão intensa que anseiam pela imagem ideal? Será possível perseguir estes ideais e recebê-los como seus? Que suporte real dessa imagem sustentaria a existência à nova possibilidade de um evento concreto? Haveria homens e mulheres, plenos de atitude, cujos gestos seriam o resultado dessa tão maravilhosa interpretação?

Se o estímulo mobiliza o poeta a satisfazer as demandas pulsantes que lhe deram origem, este mesmo estímulo pode re-significar a imagem do corpo e servir de alimento para construção de um ideal possível, impresso numa imagem eleita. Todavia, não seria mais a arte em si, mas a possibilidade materializada e ampliada nas dimensões do inconsciente e no reforço das potencialidades de re-significação. Se o corpo for capaz de operar neste nível de percepção, muitas disfunções físicas e psicológicas se reduzirão à execução de novas ordens e se produzirão imagens determinadas, plenas de existência humana, alterando as relações

do corpo. Quanto mais cristalizada for esta expressão, maior ressonância orgânica se processará.

E daí que vem o estímulo atraente que mobiliza o poeta a compor, dando vozes a sua arte, garantindo assim o potencial de re-significação da imagem no corpo...

Referências bibliográficas

JUNG, C. G. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1991.

SOARES, M. V. Técnica energética: fundamentos corporais de expressão e movimento criativo. Campinas, SP: Unicamp, 2000.

Toro R. Biodanza. Ed. Olavobrás, 1ed. São Paulo, SP, 2002

Agradecimentos

Aos meus amigos e companheiros do Curso de Formação Docente em BIODANZA[®] de Gravatal-SC, sistema Rolando Toro, pelos versos criados durante uma maratona de identidade, os quais serviram de suporte para criação deste texto.

Aos facilitadores Gastón Andino e Silvia Eick pelos ensinamentos e pela oportunidade de materializar a poética desses versos na expressão da identidade.

Correspondência

Prof (a). Dr(a) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, ; Departamento de Análises Clínicas. Florianópolis, SC. Cep:88.090.10. Fone : 048-3331-9712, r221; Email;geny@ccs.ufsc.br

RITOS A DIONÍSIO: OS MISTÉRIOS DE ELEUSIS ⁽⁴⁾

Terezinha M. Vargas Flores⁵

"...absorto em Deus, já não forma senão Um com Ele, como um centro que coincide com outro centro (...) tal modo de visão é difícil de descrever a outro (...) Isto é sem dúvida o significado da proibição que se faz nos Mistérios, vedando que se revele os segredos dos mesmos aos que não foram iniciados. Como se quer que o divino seja inefável, prescreve-se que não se fale disso ao que não haja tido a ventura de vê-lo". (Plotino, Sexta Enneada)

INTRODUÇÃO

Os "mistérios" se apresentavam, na Antigüidade, como verdadeiros festivais, oportunidades de encontro e peregrinação, para os quais acorriam pessoas de lugares distantes em busca de auto-conhecimento. Encontravam-se consigo mesmos, com os demais, com o universo, a natureza, as divindades. Remontam às antigas Escolas de Mistérios do Egito, organizadas por Tutmós III, avô de Akenaton, há cerca de 3.300 anos. Tinham lugar em Luxor e Karnak, depois em Alexandria e dali expandiram-se para a Grécia, a Itália, Oriente Médio, o mundo da época.

⁴ Apresentado no Congresso da Associação Junguiana do Brasil, Belo Horizonte, 6-9 de setembro de 2000.

⁵ Doutora em Psicologia

A palavra "mistério" origina-se do grego *Mysthes*, plural *Mysthai*, reunindo um conjunto de significados a partir de objetos a simbolizar, em aproximação ao "insondável, indizível, inaudível, intocável", portanto, "misterioso". Essencialmente, o *mysthes* se refere à impossibilidade de abarcar a Vida e a Morte, a abrangência do que significa nascer e morrer, o que é, por que, para que e assim por diante.

Portanto, pessoas interessadas nas questões decisivas para a compreensão de si mesmas, das relações com os demais, o mundo, a natureza, o universo, acorriam a determinados lugares onde lhes era oferecida a oportunidade de adentrarem os *Mysthai*. Dependendo do lugar, portanto, da cultura do contexto, constelavam-se mitos, formas de apresentação mais ou menos dramáticas, crenças, situações, enfim, toda uma ambientação destinada a tocar fundo na emoção dos iniciandos. Pode-se, assim, afirmar, que a operacionalização global dos *Mysthai* delineava-se como verdadeiras Iniciações.

Ada D. Albrecht, pesquisadora dos Mistérios levados a efeito em Eleusis, na Grécia Antiga, afirma que "os Eleusinos sabiam da intransmissibilidade desse estado de consciência, e assim o chamado "voto de silêncio" era condição *sine qua non* para lograr a participação nos Mistérios" (1994,p.12). E mais adiante, relata o depoimento deixado por viajantes: ..."viram uma luz gigantesca, que partia de Eleusis, e uma caravana de trinta mil homens aproximadamente, que cantavam em coro o nome sagrado de Iachos, o deus eleusino – Baco" (...) "Iachos, deus máximo de Eleusis, junto com a deusa Deméter e sua filha Koré – Perséfone" (Idem, 12-13): tal era a constelação mitológica envolvida na essência dos Mistérios de Eleusis.

DIONYSOS: A CRIANÇA NO PEITO

Na citada obra de Ada Albrecht, situamos a origem de Dionysos como fenícia: Iachos significaria "a criança no peito". Se o alinhamos a Baco, o "deus da divina embriedade", situado na

geografia de Eleusis, torna-se possível aproximar Iachos a Dionysos, pois a ebriedade eleusina tinha caráter de Sabedoria ou estado de EPOPTEIA, estado de consciência possível de contactar o Saber, o Divino. Simbolicamente, "a criança no peito" poderia ser aproximada a Deméter. "Longínquas tradições orientais costumam falar-nos da sabedoria do olho e da sabedoria do coração, insistindo em chamar a esta última de verdadeira sabedoria, isto é, a que se torna experiência viva para a alma, além de mera especulação teórica, discursiva, não doadora de nenhuma vivência espiritual" (obra cit. P.14).

Desta forma, Iachos simboliza esta criança no peito da Grande Mãe Deméter; Dionysos seria a força de ser oculta no coração do ser humano e que pode despertar para a verdadeira sabedoria, se guiado por outros que já o conseguiram: os guias iniciáticos. Em Eleusis, duas famílias se destacaram: os Eumólpidas e os Kerikes. Os primeiros encarregavam-se dos cultos: Eumolpes teria recebido sua função da própria Deméter, que lhe confiara os segredos do culto. Diodoro de Sicília afirmou que os eumólpidas derivavam dos sacerdotes egípcios. Na verdade, encontram-se semelhanças entre os cultos a Isis e os eleusinos, a Deméter.

Os Kerikes eram encarregados de apresentar os objetos sagrados, os "hieros". O hierokeris, ou Heraldo, proclamava os Mistérios, devendo para isso ter uma voz potente. Parece que os kerikes derivam em última análise do Heraldo Divino: Hermes (Ibidem, p.72). Daí também serem chamados de Hierofantes, os que desvelam o sagrado. Portanto, muito mais que uma "bela voz" para dar início aos mysthai, estavam envolvidos no ofício sagrado de recitar "palavras de poder", em sua correta inflexão, remontando aos "Sama Veda", conhecimentos do canto, dos mantras, invocando a presença dos deuses. O hierokeryx custodiavam os objetos sagrados.

Havia ainda sacerdotisas em grau bastante elevado, como as hierofantidas, dedicadas ao serviço das deusas mãe e filha; e as panageys, espécie de monjas, também chamadas de "abelhas", cuja função nos mistérios é pouco conhecida – uma vez que pouco

mencionadas, devido aos votos secretos. Finalmente, citam-se também os "iachogogos", que acompanhavam a estátua de Dionysos, desde Atenas até Eleusis, nas peregrinações; os "hidranos", encarregados da purificação dos fiéis e os "daduchos", dos fiéis comuns.

A partir das escavações feitas em Eleusis, Picard pode demonstrar suas origens cretenses; baseado principalmente no hall de Iniciação do famoso Telesterion eleusino, análogo as construções cretenses. Afora tais especulações, nada se tem de concreto, nem objetos, nem outras provas dos ritos dionísíacos ali levados a efeito. Pergunta-se Ada Albrecht: "Como havemos de apreender o esoterismo do mito eleusino? Como culto agrário, tão somente? As sagradas epopteias de seus misthay, simples euforias subministradas por fungos alucinógenos? (...) Eleusis, de qualquer modo, parece significar "el lugar del arribo feliz", vocábulo ao qual se lhe relaciona com outro de significado ainda mais preclaro: ELYSON, o "reino do sagrado, do bendito". Neste lugar, o ser humano chegou a um cume de desvelação espiritual apenas pressentido por nós" (pp.18-19).

As origens de Eleusis são baseadas em conjeturas, porém não o seu final: reconstruída e ampliada nos tempos de Solon, depois de Pisístrato e Pericles; dizimada pelo Cristianismo, teve seu fim definitivo com Juliano o apóstata, no terceiro século de nossa era; Teodósio, em fins do séc. IV, proibiu os cultos místéricos. No séc. V, a área foi usada como cemitério. Tudo o que resta desses cultos e mitos está espalhado pela literatura greco-romana como depoimentos de viajantes que por ali passavam e o pouco que os iniciandos comunicaram boca a ouvido, daquilo que podiam afirmar, sem ferir seus votos.

HINO A DEMÉTER (fragmentos da *Iliáda*, de Homero)

A Deméter, de formosa cabeleira, veneranda deusa, começo a cantar; a ela e a sua filha raptada por Aidoneo(...) enquanto brincava com as filhas do Oceano, e colhia flores, rosas, açafraão,

formosas violetas, jacintos e aquele narciso que a Terra produziu tão admiravelmente (...) pela vontade de Zeus para enganar a donzela e comprazer a Hades(...) Cem capuchos brotaram de sua raiz, e ao espargir-se o suavíssimo odor, sorriam o alto céu e a terra inteira, e a salobra água do mar. Ela estendeu admirada os braços para colher o formoso brinquedo; mas então a terra abriu-se...e surgiu o soberano Polidegmon, filho famoso de Cronos ...arrebata-a no seu carro de ouro levou-a chorando e gritando(...) mas nenhum dos mortais ouviu sua voz, somente a filha de Perseu, a de ternos pensamentos, desde sua caverna, Hécate, a de luzente diadema- e o Sol soberano, filho de Hiperion, quando a donzela invocava seu pai(...) Foi sua mãe que ouviu-lhe a voz, sentindo nesta aguda dor que transpassava o coração, jogou seu manto sobre os ombros e saiu pressurosa a indagar por terra e por mar; mas ninguém quis revelar-lhe a verdade. Durante nove dias vagou pela terra. Quando a décima Aurora resplandeceu, Hécate a encontrou, com a tocha na mão, para dar a notícia. Ambas dirigem-se com tochas acesas até o Sol, que saúda a filha de Rea e conta que Hades a raptou para torná-la sua esposa. Oferecendo sua carruagem, Deméter segue até a morada de Celeo, rei da perfumada Eleusis. Aflita, ela senta-se no poço Partenius, a sombra de uma oliveira, onde vem buscar água Calidici, Clisidice, Demo a amável e Calitoe, a maior delas, todas filhas de Celeo Eleusinida e se estabelece um diálogo entre elas (...) Encheram de água seus vasos e regressaram a casa, contaram a sua mãe o que ouviram e viram e ela mandou buscar Deméter, oferecendo-lhe imenso salário. Voltaram e encontrando Deméter, a conduziram a mansão de Celeo, aluno de Zeus e a deidade nada falou, não quis sentar nem descobriu sua cabeça com o manto que a cobria. Até que Yambe, a de castos pensamentos, apresentou-lhe uma grande cadeira, coberta de manto branco. Então a deusa senta e retira o véu consumida pela solidão da filha. Yambe falava e contava anedotas até fazer a deusa rir. Metanira lhe traz um copo de vinho, e Deméter diz não ter licença para beber. Preparam então uma mistura em beberagem, que a deusa aceita em conformidade aos ritos (aqui se perde um fragmento do texto de Homero)* e Metanira começou a dizer: Salve mulher, pois teus pais não são vis e sim nobres; o pudor e a graça brilham em teus olhos(...)cria

minha criança que os imortais me deram tardiamente(...)Ao que Deméter responde: "Salve tu também, e que os deuses te cumulem de bens. Com gosto criarei teu filho e que o hipotamno (erva para beberagens mágicas) nunca lhe cause dano, pois sei um remédio contra o funesto sortilégio (hilótomo, antídoto formado por ervas do bosque)". **

O texto da Ilíada termina dizendo que Deméter criou o filho de Metanira com ambrosia, pois não o sustentavam os seios maternos. A criança cresceu sob os cuidados da deusa, porém um dia Metanira espia o leito da deusa e esta a amaldiçoa, exigindo para ela um templo, onde deverá ensinar os mistérios aos eleusinos. Assim, Deméter reina no templo onde se originam os Mistérios de Eleusis.

Segundo Mircea Eliade, em sua obra acerca das Iniciações Místicas (1986, 187 ss.), o mito de Deméter *** já era conhecido dos inúmeros peregrinos que acorriam a Eleusis para a Iniciação. Com tochas na mão, iniciava-se a primeira fase, quando reviviam o rapto de Perséfone e a buscavam pelos arredores. Então, ouviam a voz do Heraldo, anunciando os Mistérios e se aproximavam do Telesterion para serem preparados para a iniciação. Aristóteles já afirmava que o *mysthes* conhecia o mito, porém tinha que fazer alguns gestos e olhar os objetos a ele apresentados. O que se seguia ninguém sabe, afirma Eliade, pois no Hino a Deméter lemos que "um grande pavor aos deuses lhes contém a voz" e o coro de Edipo Rei afirma que os Eumolpidas chaveavam com ouro a língua dos mortais. Clemente de Alexandria (Proteptico, II, 21, 2) legou-nos a fórmula falada pelo *mysthes*: "Jejuei, bebi o *kykeon*, recebi a cesta e manipulei os objetos devolvendo-os à cesta". O *kykeon* era uma mescla de cevada, água e pólen, a mesma oferecida por Metanira a Deméter. Logo vinha a representação da descida aos infernos, em busca de Perséfone.**** Eliade mostra as raízes gregas para Iniciação (*telesisthai*=ser iniciado) e inferno (*teleuthan*=morrer), pois a descida ao Hades significava a morte e todo o grego sabia disto. "Morrer é ser iniciado", já dizia Platão. Receber a cesta significava tornar-se um *mysthes* e destapar os objetos era descer aos infernos. Manipular os objetos era ser adotado pela deusa e

poder seguir os epopteia, tornar-se um epoptes, "o que vê" (iluminar-se).

Segundo Walter Otto (The meaning of the eleusian mysteries) não cabe dúvida respeito à natureza milagrosa do acontecimento: tanto a espiga de trigo que amadurece sob as bênçãos de Deméter, quanto os vinhedos em honra a Dionysos representam em Eleusis a transformação iniciática. Diz Mircea Eliade que "pecaríamos em ingenuidade se quiséssemos oferecer em poucas linhas o que aconteceu durante mais de um século nos Mistérios Eleusinos. Pois eles são a herança, como o dionisianismo e o orfismo, de crenças e ritos enormemente arcaicos. Nenhum dos cultos iniciáticos pode ser considerado redutivamente como criação grega. Suas raízes fundam-se nas profundidades da proto-história. Tradições cretenses, asiáticas, trácias foram recuperadas e integradas – Eleusis tornou-se o centro dessa tradição. Descende de rituais agrários de morte e ressurreição de deuses ligados a natureza e a sociedades matriarcais arcaicas. As experiências do iniciando têm natureza de transmutação, de transcender a condição humana e alcançar um modo transcendente de viver. Apuleio relata que ao iniciar-se nos Mistérios de Isis acercou-se do reino da morte com o fim de renascer espiritualmente. Os rituais de Osiris e Isis se fazem presentes em Eleusis, tanto quanto o da Grande Mãe frígia. Salustio refere que os iniciandos frígios eram alimentados com leite, como recém-nascidos. Os textos de Mitra estão impregnados da gnoses hermética; seus rituais incluíam a morte simbólica do iniciando, que deitava numa tumba "nascendo pela segunda vez, para a verdadeira vida". Trata-se sempre de uma regeneração espiritual, essa palingenesia que envolve mudança radical do regime existencial do iniciando. Afirmo Eliade: "A divinização do homem não era em absoluto uma fantasia extravagante para o mundo antigo tardio" (Op. Cit. P. 192). Cícero escreveu: "Sabe-te pois que és um deus" (De Republ. VI, 17).

OS MISTÉRIOS MENORES

Adentrando um pouco mais na profundidade dos Mistérios Eleusinos, Ada Albrecht apresenta-os em dois blocos ritualísticos: os menores e os maiores. Os mistérios menores eram requisito para os maiores. Aconteciam uma vez por ano, no início da primavera, o anthesterion, em homenagem a Ártemis, a deusa virgem irmã de Apolo. Eram cerimônias de purificação, as margens do Ilisio. Katerine Kanta, na obra "Eleusis" afirma que havia no grande prédio dedicado a Ártemis, templos a Deméter e a Perséfone. A finalidade destes lugares era oferecer aos neófitos oportunidade para jejuar, como sinal de purificação – requisito para a vivência de sua união com a divindade. O Mahabarata hindu predica que arroz, leite, coalhada e mel são os alimentos que preparam o candidato ao moksha, equivalente a epopteia dos gregos.

Os encarregados desses jejuns eram os mistagogos, sob a supervisão do hierofante. Também eram prescritos banhos ritualísticos, provavelmente no próprio Ilisio, assim como o Ganges e o Jordão servem até hoje como purificação para hindus e cristãos. Havia a entoação de hinos sagrados, sacrifícios as deusas e cerimônias em recordação ao deus Dionysos. Ainda que determinados estudiosos neguem a presença de Dionysos nos Mistérios eleusinos, Ada Albrecht considera de capital importância a inclusão desse deus em tais mistérios. "Sua presença metafísica dá sentido ao conjunto das peças ritualísticas dos mistérios eleusinos". Veremos mais adiante como a invocação a Iachos era de fundamental importância para dar início aos Mistérios Maiores.

OS GRAUS INICIÁTICOS E OS MISTÉRIOS MAIORES

Segundo Teon de Smirna, os Mistérios Eleusinos compreendiam cinco graus: purificação, comunhão mística, Epopteia, coroação, comunhão divina. Plutarco narra a iniciação de Demetrio Polioirketes desde a purificação até os epopteia, mas isso não fundamenta a possibilidade de que houvessem somente três graus. De fato, os assim chamados Triptolemos, baseados nas

teoria s gregas dos números, mostram sempre agrupamentos de três blocos ritualísticos. Ada Albrecht, após acurado estudo, agrupou em nove (três vezes o três) as cerimônias dos Mistérios Maiores, inclusive com as datas: iniciavam no dia 15 do mês boedromion até o dia 23, assim distribuídas:

- 1-" dia 15 do boedromion: Agyrmos, reunião. Proclamação
- 2-" 16: Elasis ou Halade Mistay: "Ao mar, ó iniciados!"
- 3-" 17: Hiereia Deuro: Sacrifício das vítimas
- 4-" 18: Epidauria ou Asclepia
- 5-" 19: Iachos ou Pampa, procissão
- 6-" 20: Telete (mysteriodites Nychtes)
- 7-" 21: Eopteia
- 8-" 22: Plemochoai
- 9-" 23: Epistrofe

PRIMEIRO DIA: *AGYRMOS*, proclamação

"Aqueles purificados de toda contaminação (moral) cujas almas se acham conscientes de não haver cometido atos diabólicos, que tem vivido moral e justamente, cujas mãos se encontram limpas (de pecado)...podem participar dos mistérios eleusinos e participar da eopteia." Tal era a proclamação. Os espadódoros, descendentes dos clãs dos Eumólpidas e dos Kerikes, disseminavam-se pelas cercanias, fazendo a proclamação, não excluindo ninguém, nem mulheres, nem escravos nem sequer crianças: era a trégua divina, em que todos eram cidadãos com a possibilidade de vira abrigar a Criança no Peito, Dionysos em seus corações. O divino Iachos, a alma ressurecta, habitaria a alma dos mortais, divinizando-a.

SEGUNDO DIA: HELADE MYSTHAI! Ao Mar, ó Iniciados!

Filósofos e homens do povo, mulheres, crianças, músicos, imperadores e imperatrizes, todos se igualavam nas fileiras, guiados pelos mistagogos, carregando um cordeiro nos braços, enquanto o hierofante os instava: Helade, Mysthai! O sacrifício dos animais deveria se dar sob adequados rituais e palavras, arrastando em seu sangue as impurezas que porventura pudessem macular os sagrados mistérios. Ensinamentos eram passados pelos mistagogos aos iniciandos pois, assim como o sangue dos cordeiros possuíam o dom da purificação, também a água do mar purificaria os pecados dos neófitos e era esta a primeira das transformações para a grande transmutação dos mistérios. Durante nove dias fariam estas abluções na água do mar, nove dias como Deméter peregrinou pela terra em busca da verdade sobre o rapto de Koré. Nos hinos órficos, o Theon Agnesma Megiston, o Oceano, é o Grande Purificador dos Deuses, uma gigantesca pia batismal onde o profano se torna sagrado.

TERCEIRO DIA: *HIEREIA DEURO*, sacrifício da vítima

Não é certo se neste grau o iniciando apresentava as deusas seu cordeiro sacrificado no dia anterior, ou se ele mesmo se apresentava como vítima a ser transformada em sagrado ofício. Parece ser, contudo, este o simbolismo de terceiro dia, uma vez que o número três é o da manifestação, o fruto da união do Céu (Koré) com a Terra (Hades). Há depoimentos, também, de que nestes ritos terceiros, agradeciam os iniciandos pelos bens que possuíam e imploravam proteção aos habitantes da terra.

QUARTO DIA: *EPIDAURIA*

Fica difícil o entendimento da introdução das festas a Epidauro em meio a rituais destinados as deusas Mãe e Filha. Talvez a explicação resida no fato de que , quando o

próprio Epidauro apresentou-se como neófito aos grandes mistérios, ele tenha chegado com um retardo, justamente neste quarto dia, agora, então, a ele dedicado. De algum modo, ele foi inserido entre os deuses transmutadores, que intercedem pela transformação dos neófitos, através de sua ressurreição, ou renascimento. Supõe-se, também, que este tenha sido um dia de descanso, pois encontra-se justamente no meio dos Mistérios maiores, necessitando os iniciandos de uma pausa em seus jejuns e abstinências.

QUINTO DIA: *POMPA*, procissão

Este era o dia que marcava o regresso dos Hiera de Atenas de volta a Eleusis. A caravana era formada por incontáveis peregrinos, coroados de mirto e já com as vestes ritualísticas. O centro da procissão era a figura do deus Iachos, ladeado pelos Iachogogos, os Hieras e as sacerdotisas da Deusa Mãe. Depois iam os oficiais de estado, os *mystai* e as carroças com tudo o que seria necessário ser utilizado em Eleusis. Havia gestos e cantos a serem manifestos durante a procissão, onde o nome de Iachos era repetidamente pronunciado. Determinadas paradas, como junto a fonte de Kalikoro, onde Deméter havia também se refrescado em seus nove dias de busca. Tudo era simbolizado, significado e reverenciado. O preparo às pompeias havia já iniciado e era mister levar a bom termo.

SEXTO DIA: *TELETE*

Para a maioria dos antigos filósofos, a união do ser humano com Deus era o cume da sabedoria. A célebre noite do dia 20 do boedromion era dedicada às virtudes purificativas da alma que contempla a Inteligência. Era, pois, uma concentração em estados superiores de consciência, frutos dos jejuns e cerimoniais que precederam. Nesta noite, algo se mostrava aos neófitos, algo era dito e algo se consagrava. A bebida de cevada, mel e pólen estava preparada e, através

dela, se revivia o sofrimento de Deméter, se chorava pela deusa e a catarse era purificadora. Teria havido alguma representação, alguma dramatização, mas tudo isso é hipotético. Os depoimentos de quem teria de longe visto alguma figura se movendo, algum tipo de "aparição milagrosa", como que apresentando Perséfone de volta ao seio da Grande Mãe. Contudo, não foi dado a nenhum historiador, nenhum arqueólogo, nenhum narrador, desvendar o que, quem, como se dava a dramatização. Sabe-se, porém, que se dava.

Os Hiera

Os hiera eram os objetos sagrados, guardados em cestas especiais atadas com fitas vermelhas, que na noite do dia 20 seriam levadas custodiadas pelos hierofantidas até o Eleusinion de Atenas. Porém, Ada Albrecht discorda que os Hiera fossem apenas objetos, chamando a atenção para o simbolismo aí implicado: os ovos, como gênese da vida; a serpente e o lingam ou falo, pai da fecundidade e os grãos, da mesma forma, frutos da comunhão. Contudo, deve ter havido algo mais além do que o olho do misthes podia ver, como objeto cotidiano. "A metamorfose espiritual dos *mysthai* se operava em planos supraconscientes, onde os elementos materiais apenas se figuravam", afirma a autora (op.cit., p. 107). Dependeria das capacidades perceptivas do iniciando ir além dos cinco elementos apresentados no fundo quer dos *kalathos* (canastas pequenas) quer dos *cistes* (canastas grandes).

SÉTIMO DIA: *EPOPTEIA*

Diz-se que a Filosofia é filha do assombro diante de questões como: de onde venho, quem sou, para onde vou...Um em um milhão consegue encontrar o caminho e a saída, como raros são os individuados, que atingiram o Mistério da união com o Si-Mesmo. Este sétimo dia era a

oportunidade para que o mysthes encontrasse a si mesmo, fosse um com a Criança Divina. Em outras palavras, Epopteia era a vitória sobre o Ego, a total entrega ao contato com os deuses, Iachos, Deméter, Koré. Alguns fazem a elucubração de que Deméter adentrava o Telesterion onde copularia com Iachos. Outros fazem aproximações entre a trina divindade; Iachos, Deméter e Perséfone fariam seu encontro no Telesterion, frente aos iniciados. A simbologia é clara: os deuses se manifestam aos Mysthai, sendo Epopteia realmente a vinculação com as divindades, o reconhecimento de sagrado em si mesmo. Finalizava-se a cerimônia com as palavras "Pax, Konkx" Basta, finalizado, ao que todos responderiam "amen", uma espécie de reafirmação espiritual de que houvera participação.

OITAVO DIA: *PLEMOCHOAI*

Grande significado encerravam os vasos (plemochoai) que continham certo líquido que era "derramado abundantemente" em direção a Leste e a Oeste – simbolizando nascimento e morte. Ao mesmo tempo, segundo Hipólito, era pronunciada a palavra hay-kie, flui, derrama-te. Segundo Proclo, a primeira palavra era pronunciada em direção ao céu e a segunda em direção á terra, não se sabe ao certo se com isso simbolizavam a união pai-mãe, deuses-homens... Isto é tudo o que se sabe a respeito do oitavo dia.

NONO DIA: *EPISTROFE*

Não existem referências seguras sobre o retorno do deus Iachos a Atenas. Em grupos pequenos, regressavam os peregrinos a cidade mais central, encerrando assim o mês do boedromion, tão pleno de significação para o mundo grego da época. Eleusis voltava a velar-se em seus mistérios, enquanto despedia os visitantes, agora renascidos, levando consigo as experiências de vinculação com as divindades.

Marcel Detienne, em seu livro "Dionysos a céu aberto", nos fala de um deus que é viajante, em sua barca amarela ou no dorso dos golfinhos, e por ser viajante, é um deus estranho aos lugares onde chega, estrangeiro que chega e parte, como em Eleusis, para onde é conduzida sua figura em procissão e de onde deverá partir ao décimo dia, após presidir os Mistérios. O autor fala também das homologias entre Dionysos e Deméter, referentes aos mistérios de Eleusis. Dionysos ***** como um deus "orthos", correto e que promove correção, transforma as bebidas ácidas anteriores aos seus cultos em vinho de sabor agradável e efeitos transcendentais; Deméter, que auxilia a correção da postura, pois preside aos que andam para baixo (deprimidos) a ficarem eretos e a olharem a vida de frente. Tais eram as devidas transformações e correções que ocorriam nos diferentes rituais, tanto a Iachos-Dionysos, quanto a Demeter-Perséfone, durante os nove dias iniciáticos do mês boedromion.

ENSAIO DE CONCLUSÃO

Obviamente, este é um tema que não se conclui. Servimo-nos de Robert Graves, em sua obra "Os dois nascimentos de Dionysos", na qual ele ensaia uma aproximação do deus duas vezes nascido, único deus masculino a tomar parte nos mistérios de Eleusis – à deusa das colheitas Deméter, que espalhou ao mundo os segredos de plantar e colher trigo. O autor defende a hipótese de que o "soma" bebido pelos neófitos, nas iniciações eleusinas, era feito do mesmo fungo do original soma védico, afirmando, finalmente que "os deuses alimentam-se de fungos". Da mesma forma como o grão de trigo desce as profundezas, num processo de transformação de morte-renascimento (simbolizando a mitologia da descida de Koré ao Hades e a sua volta aos braços da Grande Mãe) – assim também Dionysos preside aos ritos de morte e renascimento dos *mysthai* de Eleusis, sendo o ápice destes ritos a Epopteia devida a ingestão da mesma bebida que Deméter tomara num dos nove dias de busca da verdade sobre o desaparecimento de Perséfone.

Poder-se-ia estabelecer uma analogia com o processo de individuação, em suas etapas de separação (análise) e reunião (síntese), pelo encontro com o Si Mesmo. Jung estabeleceu relações com o processo alquímico "solve et coagula", completando-se a obra pela Coniunctio, o hieros gamos, a mesma união com a divindade, fruto da Epopéia eleusina.

Finalmente, voltamos a citar Mírcea Eliade, que afirma que "a transmutação ontológica do iniciado se verifica sobretudo na existência após a morte" (op. Cit. P. 192. (...)) A Iniciação era, pois, a maneira de obter um status ontológico sobre-humano, mais ou menos divino e de assegurar-se a sobrevivência post-mortem, senão já a imortalidade" (idem ibidem).

Reza o Hino a Deméter: "Ditoso o homem que, vivendo na terra, viu tais coisas! Quem não conheceu as sagradas orgias e quem nelas tomou parte, não terão sobre a morte igual destino". E Píndaro cantou: "Ditoso aquele que viu isto antes de baixar à terra. Conhece o termino da vida, conhece também o começo". E Sófocles encerra: "Oh três vezes ditosos os mortais que, depois de contemplarem estes mistérios, partam a morada de Hades: somente eles poderão ali viver; para os demais, tudo será sofrimento".

QUESTÕES FINAIS

* Seria apenas uma infeliz coincidência que, na *Ilíada* de Homero, um dos fragmentos do Hino a Deméter, justamente o que se refere aos ritos eleusinos, tenha sido perdido? (p.3)

** Deméter deveria constelar os saberes da Grande Mãe das sociedades agrárias matriarcais no que se refere ao "hilótomo" (antídoto formado por ervas do bosque) – usado contra os funestos sortilégios do "hipotamno" (erva para beberagens mágicas)? (p.3)

*** Deméter tem o mérito de haver legado ao Ocidente os saberes construídos pelas sociedades arcaicas (p.4). Não seria um reducionismo ingênuo considerar a deusa como vulnerável,

motivada por uma necessidade de participar do mundo dos homens e por isso mesmo criando os Mistérios? A sua verdadeira motivação não teria sido justamente legar ao Ocidente Mistérios já conhecidos muito anteriormente? Sua necessidade básica não teria sido, então, recuperar o verdadeiro Dionysos?

**** Da mesma forma, Perséfone adquire status como peça chave no simbolismo dos "hiera" (objetos sagrados, p.5) contidos nas canastas e manipulados pelos iniciandos. A deusa filha representa os grãos que descem ao Hades (Morte) e renascem no tempo da colheita (Vida).

***** Finalmente, Dionysos, um deus redutivamente ligado a bacanais desenfreadas, a beberagens e desvarios; surge na constelação mitológica de Eleusis como o deus que promove correção (p.9) no modo de vida do iniciando, transformando a acidez das bebidas em vinho suave, promotor também da Epopeteia (iluminação). Analogamente, poderíamos citar o Cristo, quando diz: "O meu jugo é manso e o meu peso é leve". E, para terminar, o Mistério da "trans-substanciação" da água em vinho (sangue do Cristo) e do trigo em pão (corpo de Cristo), na missa – um ritual legado pelos rituais mitraicos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, Ada Dolores, *Los Misterios de Eleusis*. Buenos Aires: Editorial Hastinapura, 1994.

DETIENNE, Marcel, *Dioniso a Céu Aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ELIADE, Mircea, *Iniciaciones Místicas*. Espanha: Taurus Ediciones S/A, 1986.

GRAVES, Robert, *Los Dos Nacimientos de Dioniso*. Barcelona: Biblioteca Breve, 1984.

JUNG, C. Gustav, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2000.

RUBY, Paulo, *As Faces do Humano: estudos de tipologia junguiana e psicossomática*, S.Paulo: Oficina de Textos, 1998.

TORO, Rolando, *Biodanza*, S.Paulo: Ed. Olavobrás/EPB, 2002.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UEFS SOBRE A VIDA

Marinalva Lopes Ribeiro⁶
Elisa Carneiro S. Almeida⁷

Ponho-me a brincar com a vida e uma estranha metamorfose acontece: deixo de ser velho. Sou criança de novo... Roberto Frost

Introdução

O mundo atual está marcado por um grande desenvolvimento científico-tecnológico propiciado pela visão cartesiana-newtoniana, que se tornou a base de todas as ciências. No entanto, essa visão tem sido questionada pelo seu caráter reducionista, por focalizar as partes em detrimento da totalidade, por valorizar os aspectos externos das experiências ignorando os aspectos internos e por focalizar exacerbadamente a razão sem considerar a arte, as emoções e os sentimentos. Como consequência, o ser humano dissociou-se de se mesmo, dos outros e da natureza. Apesar de usufruir do grande conforto material gerado pelo desenvolvimento tecnológico, a sociedade vive numa

⁶ Profª Drª do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, facilitadora de Biodanza.

⁷ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana e bolsista de Iniciação Científica (PROBIC)

crise de valores sem precedentes, na qual predominam a competição e o individualismo (CUNHA, 2005) Na educação, por exemplo, o pensamento cartesiano-newtoniano influenciou a supervalorização de disciplinas que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático, oferecendo uma educação desconectada da realidade da vida do estudante, de suas emoções e sentimentos, intuições, sensações (MORAES,1997).

Só recentemente, esse paradigma que contribuiu para o agravamento de problemas educacionais, como por exemplo, o fracasso escolar, vem perdendo força, exigindo uma nova postura dos educadores, a fim de responder, de forma articulada, aos desafios do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, foi oferecida a disciplina optativa Educação Biocêntrica ao curso de Licenciatura em Pedagogia, a qual propõe oportunizar aos licenciados o desenvolvimento dos aspectos sócio-afetivos e de respeito à vida de forma vivencial e integrada com as demais dimensões do ser humano.

A disciplina Educação Biocêntrica pretende proporcionar aos estudantes uma revisão dos padrões voltados para o viver, mediante os quais o educando vai aprendendo, não somente pelo cognitivo, mas também pela percepção, pelo sensorial, pela intuição, pelo vivencial, pois o instante vivido tem uma força de realidade que compromete todo o corpo.

Este artigo visa apresentar os resultados de uma investigação realizada nessa disciplina, cujo objetivo geral foi compreender se a Educação Biocêntrica interfere no modo de sentir e de pensar dos estudantes sobre a vida e sobre os seus próprios comportamentos diante dela. A pesquisa teve como objetivo específico conhecer a possível existência de uma representação social de vida entre os estudantes de Licenciatura em Pedagogia que participaram, na UEFS, da disciplina optativa Educação Biocêntrica durante o semestre 2005.1.

Os conceitos de vida e de representações sociais constituíram as bases teóricas que orientaram a coleta de dados e sua análise.

O conceito de vida

O conceito de vida pode ser compreendido sob diversos aspectos. Para Schrödinger (1997), Prigogine (1996), Capra (1996), Magulis & Sagan, Maturana & Varela (1997), Capra (1996, 2002), Moraes (2003), por exemplo, podemos destacar que a vida é um sistema aberto, complexo, longe do equilíbrio, que está em processo de mutação e evolução, que se produz autopoieticamente, se reproduz e que depende de constantes interações com o meio ambiente, sinalizando, de acordo com Moraes (2003), o seu caráter dinâmico e relacional. A abordagem da vida neste trabalho será fundamentada nas pesquisas desenvolvidas por esses autores, em especial no Princípio Biocêntrico criado por Toro (2002).

Capra (1996, 2002) considera essencial para explicar a vida a idéia de padrão de organização. Em suas próprias palavras é “alguma coisa a mais na vida, alguma coisa não-material e irreduzível – um padrão de organização” (CAPRA, 1996, p. 77). Para estudar a forma os padrões devem ser levantados a partir do mapeamento de uma configuração de relações. Em todos os organismos vivos, de acordo com Capra (1996), há um padrão comum de organização da vida que é um padrão de rede: “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (CAPRA, 1996, p. 78). Elas se estendem em todas as direções e podem gerar laços de realimentação, devido a sua capacidade de não-linearidade e de auto-regulação. Em síntese, o padrão de organização comum de todos os sistemas vivos é um padrão de rede capaz de auto-organização, a – *autopoiese* (autocriação). “ Trata-se de uma rede de processos de produção, nos quais a função de cada componente consiste em participar da produção ou da transformação de outros componentes da rede. Desse modo, os seres vivos se caracterizam por ‘produzirem-se continuamente a si mesmos` numa *organização autopoietica* (MATURANA e VARELA 1997, p. 84). Para Capra (1996) os sistemas vivos obedecem a três critérios fundamentais: padrão de organização, estrutura e processo vital. O padrão de organização é a configuração de relações que determina as características essenciais do sistema. Por exemplo, se o padrão de

organização de um vírus for o de uma rede *autopoietica*, o sistema é vivo. A estrutura, por sua vez, é a incorporação física do padrão de organização do sistema. Por fim, o processo vital - a “cognição” - é a atividade envolvida na incorporação contínua do padrão de organização do sistema. Toro (2002) propôs o termo “inconsciente vital” para se referir a esse processo cognitivo. A atividade mental – o processo de conhecer -, portanto, passa a ser a atividade organizadora dos sistemas vivos, em todos os níveis da vida e se confunde com a própria vida: “a mente é a essência do estar vivo” (BATESON *apud* CAPRA, 1996, p. 145). Já o cérebro é desnecessário à existência da mente. Desse modo, uma bactéria não tem cérebro, mais tem mente, pois é capaz de percepção, isto é de cognição. Trata-se de uma concepção, segundo Capra (1996), mais ampla do que a concepção do pensar: “A cognição envolve percepção, emoção e ação – todo o processo da vida” (*ibid.*, p. 145).

Encontramos pontos de convergência nas concepções de vida discutidas até aqui e a concepção de Toro. Embora não seja ainda defensável no meio científico, ele comunga com Capra (1996) a suposição que o cosmos é vivo ou que “a vida provavelmente está presente em grande abundância por todo o cosmos” (*ibid.*, p. 176). Toro (2002) defende a teoria evolucionista, segundo a qual o universo está em plena evolução e é compreendido como um sistema vivo organizado e estruturado em função da vida. Nesse sentido, o ser humano resulta da evolução de seus ancestrais tanto humanos quanto antepassados que recuam no tempo mais de 3 bilhões de anos.

Toro (2002) formulou o princípio biocêntrico que tem como referência a vida e se inspira nas leis universais que conservam os sistemas vivos e permitem a sua evolução. A referência existencial para o princípio de conservação e evolução dos sistemas viventes, de acordo com Toro (2002), é a vivência do sentir-se vivo, sentir-se parte da criação e expressão da *autopoiesis* cósmica. Sentir-se vivo implica o ato de tecer a nossa própria vida, como pessoa amante, ativa, expressiva e presente no mundo; pessoa que celebra, participa e cultiva a cada dia o ato do Criador; que como semente busca vínculo, nutrição e crescimento (Góes, 2002).

O Princípio Biocêntrico se contrapõe com o que aprendemos com o cristianismo a respeito do universo e da vida. Ensinam-nos que primeiro formou-se o universo: a luz, a água, a terra, os vegetais, depois a vida animal e, por fim, os seres humanos. Para Toro (2002), ao contrário, existiu primeiro a vida. O universo, em constante evolução, se estrutura a partir da própria vida.

Há teorias que defendem que Deus está no centro, outras, chamadas antropocêntricas, consideram que o homem é o centro da vida. No entanto, teóricos a exemplo de Capra (1996) e Toro (2002) compreendem a vida como algo maior, mais complexo e profundo, a estrutura guia da construção do universo.

A vida da forma que é compreendida por Capra (1996) está entrelaçada, isto é, todas as coisas estão interconectadas, são interdependentes e o ser humano é parte integral da teia da vida. Baseado nas descobertas da física quântica o autor observa que não há partes, em absoluto, mas padrões numa teia inseparável de relações. Compreendidos dessa maneira, os sistemas vivos são visualizados como redes que interagem à maneira de rede com outros sistemas vivos (redes). Assim, o estilo de vida do homem interfere na vida do universo e vice-versa. Com efeito, segundo uma reportagem da revista *Veja* (2005), o aquecimento global está causando a diminuição das grandes geleiras. Os oceanos estão se aquecendo e os animais têm mudado suas rotas migratórias, fazendo com que as previsões sobre o futuro da vida no planeta sejam catastróficas. Nesse sentido, Toro (2002) e Capra (1996) responsabilizam o homem e as ciências do futuro na estruturação de novas percepções, a fim de criar condições para gerar e proteger a vida, isto é, cuidar de toda a natureza viva. Góes (2002) e Moraes (2003) concordam com as idéias de Toro propondo que o desafio de qualquer pessoa sensível é vivenciar a presença da vida como estrutura guia, de modo a sacralizá-la em todas as suas manifestações e celebrá-la em toda a sua grandeza e beleza.

Moraes (2003) acrescenta que viver a teia da vida implica em aprender a conviver com o outro, a escutá-lo, a aceitá-lo, a respeitá-lo, a compartilhar cuidado, carinho, atenção e afeto;

implica, por fim, viver junto a potencialidade, a beleza, o encantamento e a magia que o universo nos oferece.

Essa discussão sobre a vida começa a ser introduzida no meio educacional, pois se percebe, agora, que a educação precisa estar intimamente conectada com o processo de viver. Se a escola incorpora a nova percepção do paradigma que emerge na atualidade em substituição ao paradigma newtoniano-catesiano, provavelmente se revitalizará e terá condições de articular a razão com a emoção, o sentir com o pensar, o mundo do sujeito com o mundo do objeto, o indivíduo consigo, com o outro e com o ambiente. Desse modo, a educação escolar passa a remar a favor da correnteza da vida, estabelecendo um diálogo em relação à realidade e ao contexto no qual está inserida e, conseqüentemente contribuirá para a evolução e a expressão de seus ciclos naturais (MORAES, 2003).

O conceito de representações sociais

Ribeiro (2005b), baseada em diversos autores sintetiza a definição de representações sociais como:

uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, constituído de informações, de crenças, de opiniões e de atributos concernentes a um determinado objeto, que permite ao indivíduo situar-se no grupo ao qual pertence, compreender e explicar a realidade, guiar seus comportamentos e práticas e justificar, *a posteriori*, as tomadas de posição e condutas adotadas (RIBEIRO, 2005b, p.3).

Atualmente, a teoria é muito utilizada para estudar a sociedade, pois leva em conta o psicológico e o cognitivo do indivíduo. O estudo das representações sociais investiga com se

forma e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar acontecimentos da realidade cotidiana. (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p.60). Dessa forma, permite conhecer a posição e a escala de valores de um indivíduo ou de um grupo, a partir das informações, crenças, opiniões e atitudes destes, a depender do interesse da investigação do pesquisador.

Na pesquisa que embasou este artigo as considerações e significações que constituem a teoria das representações sociais foram úteis à compreensão do sentido dado pelos estudantes à vida.

Metodologia

A fim de compreender as representações dos estudantes sobre a vida desenvolvemos a metodologia que ora descrevemos. Os sujeitos da pesquisa foram 22 alunos, na faixa de 20 anos. Essa turma era constituída na maior parte de mulheres (21) e um homem, sendo dois alunos do curso de Licenciatura em História e os demais do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Trata-se de um estudo de abordagem metodológica qualitativa, exploratória e descritiva, cuja intenção foi compreender se a disciplina Educação Biocêntrica interfere no modo de sentir e de pensar dos estudantes participantes sobre a vida e sobre os seus próprios comportamentos diante dela. Os dados foram coletados mediante duas técnicas: o Grupo de Discussão e a Associação Livre de Palavras (APL) a partir do termo indutor “vida”. Neste artigo vamos nos ocupar apenas com os resultados da ALP.

O teste de associação livre de palavras (ALP) foi desenvolvido por Jung nas pesquisas em Psicologia Clínica e caracteriza-se por um teste projetivo, cujo objetivo é:

ajudar a localizar as zonas de bloqueamento (entendidas como detenção súbita e transitória do curso do pensamento, sem

comprometimento intelectual ou sensorial) e de recalçamento de uma pessoa, isto é, a exclusão do campo da consciência, de certas idéias, sentimentos e desejos, que o indivíduo não quer admitir, e que, no entanto, continuam a fazer parte da vida psíquica (BARDIN *apud* OLIVEIRA, 2005, p. 574).

O teste de APL tem sido utilizado nas pesquisas sobre representações sociais desde a sua adaptação para o campo da Psicologia Social realizada por Di Giacomo, passando a ser utilizada como técnica de coleta de dados em pesquisas científicas por se tratar de um método de investigação aberta que permite evidenciar universos semânticos de forma rápida e objetiva.

Por estar situada no âmbito das representações sociais nossa pesquisa utilizou-se da ALP para conseguir o maior número de palavras ou expressões dos sujeitos, respeitando a ordem de hierarquização dos termos produzidos.

Análise dos dados provenientes das evocações

A técnica Associação livre de palavras (ALP) fez emergir um dicionário composto por 106 palavras. No entanto, para este estudo consideramos apenas aqueles termos que apareceram com uma frequência igual ou superior a 5.

No intuito de captar o conteúdo e evidenciar a estrutura das representações de vida, consideramos tanto a frequência quanto a ordem de evocação dos termos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, por acreditar, como Ribeiro (2005a) e Vergès (1989, 1992) que aqueles termos que atendem ao critério frequência e ordem prioritária de evocação, seriam os mais importantes para eles. Com base nas informações produzidas, construímos o “quadro de quatro casas” (quadro 1).

Quadro 1. Ordem média de evocação referente ao termo "vida".

		ORDEM MÉDIA DE EVOCÇÃO (o.m.e)				
		<4	o.m.e	f	> 4	o.m.e
FREQUÊNCIA	Superior a 9	Amor	3	11	Natureza	4,2
	Alegria	4	10			
	Inferior ou igual a 9	Família	3,5	5	Paz	7,6
					Amizade	5,83

No quadrante superior esquerdo situam-se as palavras *amor* (f 11) e *alegria* (f 10), supostamente aquelas que constituem o núcleo central da representação; no quadrante superior direito posicionou-se a palavra *natureza* (f 9) que pode constituir a primeira periferia da representação de vida; o termo *família* (f 5) está situado no quadrante inferior esquerdo constituindo-se no elemento de contraste; por fim, os termos *paz* (f 6) e *amizade* (f 5) seriam aqueles elementos da segunda periferia da representação em apreço.

Analisando os termos evocados pelos sujeitos, percebemos que as representações parecem se adequar ao processo de transição para o novo paradigma que está tomando corpo na atualidade e, conseqüentemente, na educação, isto é, uma forma de compreender a prática educativa associada à própria vida e à realidade existencial dos estudantes. Estes, sujeitos ativos, constroem a aprendizagem de forma integrada usando tanto o lado racional,

lógico, reflexivo quanto o lado criativo, emocional e sentimental. Nesse sentido, são práticas que consideram o corpo, a mente e o espírito do sujeito da aprendizagem, de modo a resgatar os potenciais humanos que se encontram adormecidos e integrar o sujeito consigo mesmo, com os outros e com a natureza. É assim que os participantes desta pesquisa evocaram um termo tão temido e distante do ambiente universitário, o qual encontrava-se circunscrito apenas ao vocabulário dos apaixonados, dos poetas, da família e de alguns filósofos: *amor*. Evidentemente, ao se entrelaçar com cada um desses domínios, o termo *amor* vai recebendo significados múltiplos, díspares e contrastantes, pois como afirma Humberto Maturana, “amor é uma palavra perigosa” (MATURANA, 1999, p. 183). Por exemplo, pode significar a relação intersexual entre duas pessoas que se elegeram mutuamente; pode significar uma gama de relações interpessoais quando se refere ao amor entre pais e filhos, entre amigos e cônjuges entre si; pode significar amor à comunidade ou entes coletivos como à pátria; pode significar também amor ao próximo e a Deus.

Consideramos relevante o fato de a *alegria* estar diretamente relacionada à vida nas representações dos estudantes participantes desta pesquisa, principalmente num país em que grande parte da população está condenada ao sofrimento advindo: da doença, do desemprego e dos salários aviltantes; da falta de moradia e de terra para o cultivo; da falta de educação de qualidade; do vício em drogas lícitas e ilícitas; do desrespeito à sua dignidade; da falta de um tratamento amoroso, etc. Além disso, vivemos num país em que a esmagadora maioria confessa praticar algum dos ramos da religião cristã, cujo símbolo é a cruz, isto é um instrumento de suplício, de aflição, de infortúnio. Nesse sentido, é notável que os estudantes, ao representar vida, tenham evocado o termo *alegria*, porque nela está embutida a esperança de que os seres humanos, indistintamente, possam usufruir a satisfação em abundância. O termo *alegria* pode estar relacionado ao jogo das idéias, do pensamento, à imaginação, à satisfação que dá envolver-se na aventura do conhecimento e crescer com ele, atingir o sucesso, fortalecer a confiança em si mesmo e na vida; pode ainda

relacionar-se a algo leve, sutil, ligado ao sentimento de sentir-se integrado aos outros seres humanos, à natureza, desfrutar aqui e agora da grandeza da vida e sentir que vale a pena viver (SNYDERS, 1988).

Natureza foi o termo, cuja frequência 9 e ordem média de evocação maior que 4 garantiu o *status* de elemento periférico mais importante das representações de vida. A *natureza* parece ser uma das formas de concretização do *amor*. Ora, se os estudantes evocam *natureza* pode significar que eles estão pensando no cuidado global com o planeta terra e, particularmente, com o nosso nicho ecológico, isto é, a responsabilidade de cada um de nós com a vida da terra e com o ambiente no qual habitamos, com o sentir-se parte desse planeta e dessa natureza. A representação dos sujeitos parece sintonizada com o princípio biocêntrico, o qual representa a possibilidade de conexão do indivíduo com as leis que conservam e permitem a evolução da vida, o gozo de viver. Estar conectado com o princípio biocêntrico possibilita ao indivíduo, mediante a vivência e a compreensão dos sistemas vivos, sentir-se parte da criação, da totalidade: das estrelas, dos rios, dos mares, da humanidade. Relacionar vida à natureza pode ter uma dimensão muito mais ampla:

Descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. [...] conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes; [...] conhecer o tipo de plantas, animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; [...] conhecer a história daquelas paisagens, visitar aqueles rios e montanhas, freqüentar aquelas cascatas e cavernas (BOFF, 1999, p. 135).

Estar centrado no amor e na alegria é estar capacitado a cuidar, a estabelecer vínculos, a proteger, a promover e a comprometer-se com a vida do universo.

O termo *família* constitui-se o elemento de contraste das representações em apreço. A família tem sido, ao longo de séculos, a base para a constituição das subjetividades e representa um papel particularmente importante na construção das representações dos indivíduos. No entanto, é notório que essa instituição está em crise devido a diversos fatores como, por exemplo, a desestruturação do patriarcalismo, a emancipação feminina e, em especial, a invasão da televisão, a qual tem se constituído no mais poderoso instrumento de geração de imaginários coletivos (FREITAS, 2000).

Embora algumas pessoas acreditem na falência do núcleo familiar, notamos que ele ainda permanece firme nas representações dos estudantes. Tanto é verdade que durante o semestre duas estudantes contraíram núpcias, trouxeram fotos para mostrar à turma e partilharam a alegria daquela celebração. Abrir-se ao matrimônio é tomar uma decisão de abertura para o outro, identificar-se com o outro, querer a sua bem-aventurança, estar disposto a comprometer-se; é, enfim ter no amor o sentido para a vida, pois a família consiste em relações afetivas e humanas.

Amizade é uma forma de amor que, segundo o significado aristotélico (ABBAGNANO, 1962) está unido à benevolência, que quer dizer querer o bem de quem se ama. A *amizade* está ligada à estima de alguém pela pessoa amada, isto é, amá-la como a si próprio. Essa relação direta do amor com a amizade permitiu perceber que as representações dos estudantes sujeitos desta pesquisa estão centradas em relações afetivas sólidas que buscam qualificar os outros, reconhecê-los e valorizá-los como seres humanos complexos e únicos, que podem se unir para transformar a cultura individualista e solitária na qual vivemos.

O termo *Paz*, presente nas representações em estudo, pode representar a grande aspiração dos sujeitos desta pesquisa diante do clima de miséria e violência tanto no plano social quanto ambiental que ameaça a vida cotidiana. Evidentemente, a paz, hoje, não é entendida apenas como ausência de conflitos ou de guerras. Mais do que isso, paz representa a ausência de violência, seja ela velada ou explícita e a presença da justiça, da igualdade entre as pessoas,

da fraternidade, do respeito à vida pessoal e ambiental e da liberdade ((MORAES; TORRES, 2004). Para compreendê-la dessa forma ampla, é necessário uma ampliação da consciência dos sujeitos. Nas representações, a paz compõe com os termos alegria e amor, revelando um estado de harmonia e de plenitude em relação à vida.

Considerações finais

Com este estudo foi possível conhecer as representações sociais de vida entre os estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia que participaram da disciplina optativa Educação Biocêntrica na Universidade Estadual de Feira de Santana. Tais representações sociais estão centradas em *amor* e em *alegria*, dois aspectos importantes do princípio biocêntrico, que tem a vida como centro de tudo o que existe.

Estar centrado em *amor* sugere que os sujeitos de nosso estudo estão com a percepção aberta para conectar-se consigo, com os outros e com o universo e, como sujeitos sensíveis a atitudes que geram e conservam a vida como um todo, estão predispostos a vivê-la plenamente, de forma transbordante de alegria, de forma transgressiva, como o próprio significado latino da palavra *a-more* indica: negação da lei, da norma. Estar centrado no *amor* sugere também que as representações dos estudantes expressam cuidado com o futuro da humanidade, que continua ameaçado pela aventura da autodestruição. Estar centrado no *amor* sugere estar avesso à racionalização que obedece a um modelo mecanicista, determinista, norteado pela razão, cujo poder é supremo. Centrar-se no *amor* é estar disponível para o diálogo com a vida irracional, com a subjetividade, com a arte, com o diferente, com os oprimidos, com os sentimentos e as emoções. Por fim, estar centrado no *amor* é ser mediador entre duas polaridades: a liberdade e a prisão; a força e a fragilidade; o vazio e a plenitude; a pobreza e a riqueza; o sagrado e o profano. Se por um lado amar é a manifestação inequívoca do lado carnal e instintivo do ser humano, por um lado, amar é viver experiências de prazer e gozo

ou cultivar sentimentos de amizade, de solidariedade, de confiança, de respeito mútuo, de partilha, de acolhimento, de ternura, de fraternidade e de cordialidade nas interações com os outros seres, em particular, ou com o cosmos de forma ampla e irrestrita.

É possível também concluir que as representações dos estudantes retratam preocupação com a preservação do meio ambiente através da evocação da palavra *natureza*. Ora, se cada pessoa constrói suas representações a partir do conjunto de idéias, opiniões, informações e crenças presentes no seu contexto sociocultural, as representações dos estudantes e, conseqüentemente seu modo de viver e de encarar a vida, podem ter sofrido influências da disciplina Educação Biocêntrica. Com efeito, tal disciplina tem por objetivo desenvolver, através da vivência, do instante vivido, os potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência, contribuindo para o funcionamento equilibrado do organismo de cada indivíduo. Por fim, as representações em estudo demonstram estar em sintonia com o princípio biocêntrico, isto é, com a vida da natureza, com o amor, com a amizade, com a alegria e com a paz

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar.1994.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: vozes, 1999.

CAPRA, Firtjof. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Professor Universitário na transição de paradigmas**. 2 ed. Araraquara: Junqueira e Marin, 2005.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do amor: caminho da libertação na relação professor-aluno**. 2 ed. rio de Janeiro: Wak Editora, 2000.

GOIS, Cezar Wagner de Lima. **Vivências e Identidade: uma visão biocêntrica**. 2 ed. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2002.

MAGULIS, L. & SAGAN, D. **O que é vida?** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas, SP: Workshopsy, 1987.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; MARQUES, Sergio Correia; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro V. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais, In: MOREIRA, *et al.* **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, p. 573-603, 2005.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, p. 31-54.

_____. **As representações sociais sobre afetividade**: o discurso dos professores do ensino fundamental – (anais) IV Jornada internacional e II Conferência brasileira sobre representações sociais. João Pessoa, PB, 2005b.

SCHRÖDINGER, E. **O que é vida?** O aspecto físico da célula viva. São Paulo: Unesp, 1997.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Ed. Olavobrás, EPB, 2002.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, edição 1926, ano 38, nº 41, 12 de outubro de 2005, p.84-118.

VERGÈS, P. Représentation sociales de l'économie : une forme de connaissance. In : D. Jodelet (dir.), **Les représentatiions sociales**. Paris : Presses universitaires de France, p. 387- 405, 1989.

VERGÈS, P. L'évocation de l'argent : Une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de psychologie**, XLV(405), p. 203-209, 1992.

REFLEXÕES SOBRE A CULTURA BIOCÊNTRICA

Cezar Wagner de Lima Góis⁸

Diante do quadro atual da ciência, da mística e dos problemas humanos e sociais, dentro do enfoque da complexidade, do cotidiano e do amor, como podemos falar da Cultura? Como ficamos nós diante do nosso dia-a-dia consigo mesmo, com os outros e com a Natureza?

Para contribuir com essas reflexões pretendo expor aqui algumas questões relativas ao tema da Cultura Biocêntrica, como a visão antropocêntrica, a visão biocêntrica, o sentir-se vivo, o dançar a vida e o dançar com os outros. São questões que entendo essenciais para a mudança cultural numa perspectiva biocêntrica ou referenciada na vida.

É claro que a cultura atual leva em consideração a vida em todas as suas manifestações, mas a grande questão é o lugar que o ser humano se encontra para estar com ele mesmo e com todas as outras manifestações da vida.

⁸ Doutor em Psicologia pela Universidade de Barcelona Prof. de Psicologia da Universidade Federal do Ceará

Introdução

O processo civilizatório nos trouxe até aqui, um momento de profundos sentimentos e reflexões coletivas sobre a vida social, o conhecimento, a tecnologia e, mesmo, sobre a própria cultura. Avançamos, iluminamos cada vez mais o nosso caminhar, fazendo estradas e indo a lugares insuspeitados, por dentro e por fora de nós mesmos. Nada nos detém, nem mesmo a Natureza com a sua energia vital que, em muitos instantes, assinala de forma poderosa e dramática a sua presença no cenário social do mundo urbano e do mundo rural, como se viu recentemente nas imagens televisivas do Tsunami no Oceano Índico, dos furacões na Flórida, do terremoto no Paquistão e da seca na Amazônia.

Somos capazes de produzir alimentos, viajar, curar doenças, construir abrigos, proteger-se, aumentar a população, educar nossos filhos, fazer satélites, aviões, bombas, vacinas, músicas, poemas, esculturas e tantas obras de arte. Somos capazes de amar, de se enternecer com o vôo do pássaro e com o sorriso da criança. Podemos até pensar que a Natureza está fora de nós, que somos os senhores de si mesmos e de tudo que existe, vindo nós ao mundo para reinar sobre todas as criaturas. Somos capazes de controlar e de criar, somos senhores de Cronos e do planeta Terra.

Do pequeno osso usado como instrumento e dos primeiros sons articulados aos satélites espaciais, computadores e internet, percorremos um longo caminho de 07 milhões de anos, em contínuas bifurcações ou ramificações, onde um só caminhar prevaleceu e se mantém até hoje – o do homo sapiens ao homem moderno.

Do rosto voltado para o chão, depois para as distâncias, estamos hoje com o rosto voltado para as estrelas e para a nossa própria sutileza e refinamento interiores. Para onde estamos indo, se é que estamos indo para algum lugar? O que nos atrai, o que nos impulsiona pela roda do tempo nesses espaços dobrados e desdobrados de coisas e de vazios chamado Universo?

O poder da vida e o poder de viver do homo sapiens são obras fascinantes de uma realidade poderosa, incomensurável, sagrada, bela e profundamente sutil, presente mais precioso dos pais aos filhos e filhas, o misterioso processo da divisão e integração celulares que, em pouco tempo, multiplicando e enlaçando as células por dentro de algo maior (um embrião, um feto, um recém-nascido, um ser humano) amarra o mundo interno ao mundo externo, até por fim gerar a consciência, a cultura e a infinita possibilidade de realização humana.

A consciência é uma fantástica dobradura biológica, é a vida passando a se ver, a vida se pensando, o sentir que sente, o comer que come, o tocar que toca, o andar que anda, o olhar que olhar, o falar que fala.

Diante de tal quadro da realidade humana o ser humano pode ser levado a se perceber e a se sentir privilegiado, filho de um Pai Criador nascido para reinar no mundo. Apaixonado por si mesmo muitas vezes vai deixando de lado o vínculo natural que a tudo une em uma profunda e sensível dança da Natureza. Passa a representar a si mesmo como o Filho de Deus e se posta em um trono devastador das riquezas naturais, inclusive da vida que há em si mesmo (estilo de adoecer).

O homo sapiens sobreviveu, faz história, faz cultura e se afasta cada vez mais de sua antiga caverna, dos animais, dos elementos naturais, do seu corpo, de sua espontaneidade, do prazer que incendeia a mente e da convivência com o selvagem interior e abismal. Olha ele muitas vezes, com nostalgia, para o eterno e prometido paraíso, mas sabe, pela sensibilidade e consciência, que a flecha do tempo, voraz, continua seu trajeto cultural. Afastar-se da cultura não é possível sob pena de desaparecer; tampouco seguir pela mesma trajetória garantiria a repotencialização da nossa energia vital que, de tão bloqueada e deformada, gera doenças de civilização. O que fazer, se o caminhar antropocêntrico assinala seu esgotamento e limitação frente às novas exigências humanas, sociais e naturais?

Visão Antropocêntrica

A visão antropocêntrica nos legou extraordinários avanços no campo da ciência, da técnica e da organização social, construiu as bases da cultura moderna, iniciadas na Renascença e consolidadas no século XX. O Iluminismo francês, o Idealismo alemão, a grandeza da razão humana e seus métodos de pensar, controlar e atuar, foram em geral aplaudidos e reverenciados como o caminho pelo qual se faria a redenção humana, o novo homem e o estágio positivo da sociedade. A relação sujeito-objeto, no mundo ocidental, tornou-se a condição primeira, quem sabe a única, para o ato de conhecer.

Séculos se passaram desde Galileu e Descartes, levando a mente racional por caminhos de construção de modelos lógicos cada vez mais avançados no afã de conhecer, porém baseados em fragmentações e reducionismos da realidade; tecendo caminhos de linearidades e descontinuidades que marcaram o avanço da Ciência, da Técnica e da organização do Estado e da vida social.

Adentramos ao Século XXI com toda a robustez de um conhecimento, de uma tecnologia e de uma sociedade legislada, marcando a nossa entrada com novos conhecimentos e novas leis, porém trazendo à tona algumas outras perguntas essenciais à vida humana, em geral, relacionadas a um tema vital - o vínculo que estabelecemos, na trajetória da cultura moderna, para consigo mesmo, com os outros e com a Natureza, e suas conseqüências para a Natureza, para cada um de nós e para a sociedade nesse começar do novo século.

Seguir sendo o filho de Deus (teocentrismo) ou mesmo sendo o próprio Deus (antropocentrismo), talvez não seja uma saída, pois esses caminhos ao longo do tempo se fragilizaram ou, até mesmo, se esgotaram.

Não quero com isso negar a Ciência nem a Religião, quero somente dizer da necessidade de um novo reposicionamento do

homo sapiens com relação à Natureza e à Cultura, e mesmo com relação à presença de seus Deuses em suas vidas e em todas as coisas que existem.

A cultura muda continuamente, mas em quais direções se dão essas mudanças? Quais os parâmetros ou paradigmas que orientam essas mudanças? Urge novos olhares, um novo (e antigo) sentir, outros parâmetros, não apenas ideológicos, mas sim profundamente marcados por uma nova sensibilidade frente à vida. Novas maneiras de sentir e perceber, uma nova visão da vida.

Visão Biocêntrica

Considero essa percepção uma visão da vida na qual o universo aparece como um fabuloso espaço de matéria visível e escura (fechado ou aberto não o sabemos), que se organiza (autopoiesis) no sentido da vida e que aumenta de complexidade através de sua própria diversidade e conectividade cósmicas. Evolui por si mesmo mediante azar e caos, e relações pouco conhecidas, principalmente entre suas forças fundamentais - gravitação, eletromagnetismo, força nuclear forte e força nuclear fraca - possibilitando, em última análise, a coerência universal - dança de determinações e indeterminações de fluxos que fazem um Universo altamente instável, evolutivo, irreversível e auto-organizado.

Se Deus não joga os dados ou se Deus joga os dados, isso não é o principal, pois as duas questões são faces da mesma moeda, da mesma complexidade. Concordo com Raul Terrén quando diz que "Deus joga os dados e sempre ganha".

A compreensão de um Universo que se organiza como sistema vivo mediante uma dança de caos e harmonia, pode parecer sem sentido ou mesmo ambiciosa, porém estudos recentes (voltados para uma Ciência da Vida) apontam na direção de uma visão mais profunda da vida, como algo mais complexo, sistêmico, auto-regulável e capaz de manifestar-se como um planeta vivo (Gaia).

A percepção da Terra ou do Universo, como algo vivo é antiga, vem dos Pré-Sumerianos. Ciência e Religião trataram o tema de maneira diferente depois de Galileu, porém na fase atual do conhecimento científico e do resgate da antiga religiosidade (Tradição), nos encontramos frente a profundas convergências entre elas acerca do macro e do microcosmo.

Hoje posso dizer que a noção de vida como algo de dimensão planetária ou cósmica está presente na Ciência, nas experiências místicas e na vida comum de qualquer pessoa sensível. Investigar e vivenciar essa presença da vida como estrutura-guia é o grande desafio que, inevitavelmente, nos deslocará para novos paradigmas da existência, a uma visão biocêntrica, a qual ultrapassa o panorama holístico (a tendência do todo se manifestar na diversidade, e esta, por conseguinte, revelar em sua potencialidade o todo) e se manifesta em um sentimento sagrado da Vida e do Universo, de todas as coisas existentes, sentimento este que tem como origem a vivência biocêntrica.

A compreensão de que isto é assim ultrapassa os limites das formas atuais de pensar e se aprofunda na vivência mesma do ser como corporeidade amorosa em sua viagem pelo mundo de si mesmo, no qual se revela a unicidade do espaço interior com o espaço exterior (Campbell, 1991). Tal clareza vem da epifania da vivência da identidade, do si-mesmo, do ato simples do viver.

Sentir-se Vivo

A visão biocêntrica não se confunde com a idéia de um Deus antropomórfico. Ela surge da vivência do sentir-se vivo, do sentir-se como parte da criação, como expressão da auto-poiesis cósmica.

O sentir-se vivo é o alicerce, é o que vincula, nutre, fortalece e revela o homo sapiens moderno. É a expressão natural, espontânea e cultural da vida como singularidade, como auto-poiesis particular da auto-poiesis cósmica. Do sentir-se vivo é que surge a percepção do si-mesmo, de um sentimento de vida, o qual

vem da Biologia em direção a Psicologia, da transformação do animal em espírito enraizado, ou corporeidade vivida. É a mudança do selvagem em linguagem e sua volta a um lugar anterior e fonte de sua aparição em um mundo natural e espontâneo - a vida animal. Ao voltar à fonte animal, à Natureza, conecta-se a uma verdadeira conspiração pelo ato de viver. Por isso, o Mestre é a Natureza em nós.

Sinto com profundidade a conspiração pelo ato de viver, a existência de uma essência humana libertária, em algo vital que impulsiona o ser à vida e a algum lugar do infinito, cuja origem não está na consciência ou em qualquer forma de representação mental, e sim em nosso sentir, em nossa raiz animal e selvagem, mundo bruto e indiviso. Encontro aí a vida como possibilidade singular, potencialidade muitas vezes bloqueada, reprimida, negada, porém sempre presente. Só desaparece com a destruição do ser.

O ser humano surge dessa realidade bruta e indivisa, em um determinado instante, como uma onda no oceano, construindo-se na dança de caos e harmonia, em íntimos processos de fusão e diferenciação, e sendo capaz de sentir e perceber isso. Essa conexão profunda, que alimenta e constitui a natureza humana, é o húmus interior que nos faz vivos, instintivos, corporais e íntimos do Cosmos.

Dançar a Vida é Participar da Vida

É mergulhar em um paradoxo misterioso que se impõe frente ao conhecimento e ao próprio espírito humano, mas que tem profunda ressonância no coração. É permitir-se como um participante de uma grande dança a dançar o sagrado no cotidiano, na forma de conhecimento (Ciência), beleza (Arte), mistério (Mística) e vínculo (Amor). Dançar sendo plenamente o movimento das vísceras e dos nossos líquidos, o movimento geral do corpo no espaço desenhando no ar a forma da criação e da liberdade; dançar sendo o movimento desdobrado do movimento

da vida, do Cosmos, desdobrado da dança das energias/partículas, da dança do pólen, das estrelas e dos animais, dança de determinações e incertezas, harmonia que germina o caos e este, como pai, germina a mãe que o gerou.

Dançar é tecer a vida, conspirar pelo ato de viver no leito natural da realidade, da cultura, na flecha do tempo, em uma estranha rota de caos e harmonia. Tecer a vida é, a cada dia, celebrar o ato criador, sentir-se brotando por dentro e por fora, perceber-se possuidor de um potencial de vida capaz de projetar-se em múltiplas possibilidades de realização e singularidade.

Ao falar de dançar a vida estou falando de participar da vida, de cultivá-la, de ser criatura e criador dessa dança cósmica revelada humana e dançada como história e cultura. Participar é estar aqui consigo mesmo, com a humanidade e com o Universo, sentindo o coração da Natureza pulsando em nossos próprios rios interiores, cujas nascentes e deságües estão no infinito. Participar da vida é nascer e renascer a cada instante, a cada dia, de um útero, pintando na tela da realidade a existência, bem antes de conhecê-la.

Participar é fazer do seu gesto um ato permanente de educar, que liberta da fusão as sementes que pulsam e anseiam naturalmente germinar. Somos sementes como as sementes, conectadas por uma rede de relações vitais, fios de natureza que nos conectam entre si e ao infinito, chamando-nos a dançar com autonomia e plenitude essa grande dança de comunicação e encontro. Nada pode deter esse chamado, a não ser a própria vida em sua força auto-organizadora e auto-transcendente.

Cada ser vivo é uma semente que vibra e se expande conduzida por uma trajetória instável de bilhões de anos. Não há na cultura algo tão complexo, incerto, negentrópico e belo. Somos sementes como a própria semente, buscamos vínculo, nutrição e crescimento. Ao jardineiro cabe somente cuidar com amor, protegendo e nutrindo, pois os seus caminhos farão por conta própria, seguindo seus fios de natureza em direção a algum lugar da vida.

Por isso a dança, o gesto espontâneo e amoroso do jardineiro, a dança como ato de educar - ato de amor, uma dança amorosa de germinação e não um caminho estreito de valores e ideologias de um grupo dominante ou de uma só cultura.

Enfim, dançar a vida é construir um cotidiano de vínculo, um trabalho com sentido, com prazer, abrir-se ao encontro com as pessoas e lutar contra a opressão e exploração simplesmente por amar ao outro e à vida. É aceitar e estimular a expressão dos corpos-combativos, dos corpos-estrelas, dos corpos-apaixonados, em todas as idades, em casa e nas ruas. Dançar a vida é cultivar o amor, alicerce da cultura biocêntrica.

Conclusão

Para onde nos leva a dança da vida, o participar do mundo de hoje, da sociedade? Nos leva é certo a muitos caminhos, mas urge um principal - o da cultura biocêntrica, o de contribuir com uma sociedade amante, democrática e transcendente.

Sei que, para muita gente, isso é apenas mais uma das utopias, mas para outros o sentido da vida social está aí. Por isso seguem, caminhando e cantando a canção que diz que "somos todos iguais, braços dados ou não, nas escolas, nas ruas, campos e construções, caminhando e cantando e seguindo a canção" (Vandré, 1968).

Aos poucos, (é a nossa esperança e a nossa luta), um novo (e antigo) sentimento do humano e da vida poderá prevalecer sobre a cultura do individualismo e do consumismo, se tornando mais presentes nos corações e nas mentes das novas gerações. Este cultivo de sentimentos e de sentidos já começou, embora saibamos da existência de graves obstáculos à sua sementeira e colheita, tais como o antropocentrismo, a ideologia masculina, o individualismo, o autoritarismo, a xenofobia, o fascismo, o fetiche do capital, a exclusão social e o desamor.

O mundo histórico-social de hoje continua sendo, também, um mundo cheio de contrastes perversos (desigualdades sociais e dominação), apesar de contar com sofisticados sistemas de conhecimento, de direito, de produção, de transportes e de comunicação. Mesmo assim é um mundo vivo, real e próprio à humanização e à natureza, um terreno fértil para a construção de uma grande roda de culturas em meio à Natureza - uma roda de amor, de aceitação e de integração das diferenças.

Isso ainda é uma utopia, mas a integração entre as culturas é possível, desde que participemos amorosamente da tecitura de valores pró-vida por meio de uma educação biocêntrica. Este grande sonho já sonhado por muitos que já morreram e por muitos que estão lutando por ele, em todos os lugares do nosso querido Planeta Terra, nossa morada de hoje, um dia poderá ser realidade.

Não precisamos temer. É preciso coragem para perceber o nosso próprio brilho interior e querer construir uma cultura biocêntrica, um mundo com amor e prazer, portanto, vinculado à Vida.

Um sonho como esse nasce do olhar e do gesto generoso e simples de quem ama, do diálogo, de uma nova (e antiga) sensibilidade que permite captar a beleza da vida se fazendo em cada rosto, em cada ser vivo, em cada partícula do Universo.

É preciso não se dispersar, não perder de vista o sonho da Cultura Biocêntrica.

EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA. PALABRAS DE CLAUSURA*

Rolando Toro Araneda*

Voy a exponer con imágenes de la realidad de las escuelas, porque a veces una imagen habla más que muchas palabras.

Estas niñas de tres años ya están influenciadas por la Biodanza y han descubierto el abrazo. La importancia del abrazo, no sólo en los niños, sino también en los adultos, es muy grande, es un fenómeno cósmico, para decirlo en su verdadera dimensión.

Aquí, aprendiendo a tocarse, cosa que jamás se enseña en las escuelas, sin embargo es un aprendizaje primal, algo esencial.

Aquí, la profesora enseñando a tocarse tímidamente, sutilmente, de modo que el contacto se hace progresivo.

Escenas de ternura entre los compañeros, cosa que en una escuela sería un escándalo y que es la enseñanza esencial, primal, es más importante que saber la fecha de nacimiento de Bernardo O'Higgins.

Este es un ejercicio de eutonía en que se unen los dedos índices y que permite respetar la intencionalidad recíproca.

* Creador del Sistema Biodanza y Presidente de la International Biocentric Foundation
Esta exposición se realizó apoyada con diapositivas

Esto es un ejercicio de regresión en que un niño da continente y cuidado a un compañero. Este es un aprendizaje extraordinario. Es mucho más importante que saberse la tabla del 5, porque lo que tienen que aprender los niños es a relacionarse profundamente a nivel afectivo.

Aquí, esta niña atraviesa entre dos hileras, triunfante y realiza un acto de autoafirmación y triunfo personal ante sus compañeros.

Este es uno de los aprendizajes más importantes que puede haber en la vida: aprender a mirarse a los ojos. Los niños en general miran durante un instante y retiran la vista, pero mirarse a los ojos en forma más detenida permite entrar en el alma del otro.

Respecto a la agresividad: es un instinto normal en el ser humano, es un instinto de supervivencia y sirve para poner límites cuando se es agredido, pero al mismo tiempo no hay que confundir la agresividad con la violencia. La violencia es la destructibilidad sin motivo, o con motivos pueriles, pero cuando la agresividad se practica alegremente -como entre los cachorros de leones- se está reforzando la identidad, sin el espíritu de destructibilidad ni de competencia.

Un niño guiando a otro, así aprenden a confiar y el compañero que lo guía toma una responsabilidad. En Biodanza la discriminación no existe, no se puede discriminar, porque la discriminación es una enfermedad mental gravísima. Los niños desde pequeños deben aprender a sentir que el compañero, por muy diferente, es un ser humano como él.

Un abrazo grupal, que da la emoción y el sentimiento de solidaridad y de unidad de grupo.

Eutonía de piernas, en que se unen las piernas, sintiendo las intencionalidades de su compañero en forma de un juego muy divertido, que les gusta mucho.

Una actividad biocéntrica es preparar alimentos, hacer helados, hacer pan. Después lo comparten, comen juntos los alimentos que han preparado.

El vínculo con la vida a un nivel cotidiano, la construcción de objetos, de juegos, desarrolla la creatividad en forma extraordinaria. Hay toda una metodología en Biodanza de juegos de construcción.

La relación con la profesora: los niños no están sentados en sillas escuchando, sino que hay un diálogo, un encanto en el relatorio. Estamos creando Escuelas Biocéntricas en distintos lugares del planeta, en las que se aplica toda la concepción biocéntrica en la escuela.

En el Instituto de Ciegos de Bahía, en Brasil, se hace Biodanza con niños ciegos, lo que da un resultado extraordinario en el sentido de que se abre una nueva sensibilidad frente al espacio, se aprecia la libertad de movimientos, aprenden a moverse.

En esta imagen se ve a los niños imitando a animales.

Hay sesiones en que trabajan adultos y niños, hay una exigencia en la Escuela Biocéntrica de que en la Biodanza participe la familia, los profesores y los alumnos y, en muchas escuelas, estamos haciendo sesiones cada 40 días. Hay juegos entre el papá y los niños, ellos pueden andar a caballo arriba de sus padres, se revuelcan juntos, es decir, ya no existe esa relación autoritaria, sino que es una relación lúdica con el padre, con los abuelos, con los tíos.

Hay dibujos que muestran cómo está ligada la escritura, que es un esfuerzo semántico, con la afectividad. La madre y la hija unidas a través de sus cuerpos y dentro de un corazón. Esto muestra que, para la escritura y el dibujo, hay una clara motivación afectiva.

Niñas adolescentes en situación de riesgo -delincuencia, prostitución, embarazo precoz- en una institución de Temuco, guiadas por mi hija Pilar Toro. A través de la danza se transformaron completamente, tomaron contacto con su intimidad, con lo más profundo de ellas mismas. En todos los casos de adolescentes en situación de riesgo, la Biodanza da un resultado extraordinario. Tenemos muchos grupos de adolescentes en

situación de riesgo. En Recife hay un centro de 500 niños que han sido recogidos de las calles y que tienen Biodanza y otras actividades: computación, costura danza, música, cerámica.

Adolescentes de un grupo escolar chileno que eran terribles, desafiantes, indiferentes. La profesora les llevó un *sandwich* el primer día y ellos lo tiraron al techo, entonces ella los imitó. Pero después de un par de semanas estaban mansitos, dulces, comunicados. Se desarrolla una interioridad en ellos, no hacen payasadas. Todo lo que no se puede hacer en las escuelas, ellos lo hacen en la clase de Biodanza: tenderse en el suelo, rodar, dar saltos, gritar, liberar tensiones. Es un trabajo muy lindo con los adolescentes.

EDUCACIÓN Y DESARROLLO CEREBRAL

Gittith Sánchez P.*

Cada vez que hablamos de educación es imposible sustraerse a la figura de Gabriela Mistral, esta genia chilena, inspiradora de la educación. Quiero destacar su frase: “haz capaz a tu escuela de todo lo grande que pasa o ha pasado por el mundo”. Y esta frase tiene una especial resonancia cuando uno piensa –y este es el motivo de la reflexión que traigo hoy día a esta Mesa Redonda- en la educación y el desarrollo del cerebro.

El cerebro -como ya ha sido ampliamente demostrado- no se desarrolla si está aislado. Más aún, es muy importante la estimulación del medio para lograr esa arquitectura del cerebro. El cerebro tiene una capacidad de adaptación frente al enriquecimiento del entorno sensorial que lo rodea. Enriquecimiento del entorno sensorial: esto agrupa muchas de los ecofactores positivos, llamados así por Rolando Toro y es lo que veremos a continuación.

El sistema nervioso, el cerebro humano, tiene una plasticidad y sinapto-génesis reactiva, que modela la base anatómica que sustenta las funciones cerebrales superiores. Esto significa que, desde antes de nacer, el cerebro del niño tiene muchísimas neuronas, incluso más de las que necesita; y también que, desde antes de nacer, se establecen innumerables conexiones

* Doctora en Ciencias. Académica de la Facultad de Medicina, Universidad de Chile.

entre ellas. Pero estas conexiones son apenas unas propuestas, no van a permanecer así. Lo que ocurre también, desde antes del nacimiento, es que hay una actividad que es espontánea, eléctrica y que va a permitir que algunas solamente de estas conexiones se establezcan definitivamente.

¿Qué pasa después del nacimiento? (y esto nos interesa sobremedida): se establecen también innumerables conexiones, pero otra vez esas conexiones que se producen son una propuesta. Y ¿cuáles van a ser aquellas que van a permanecer?: aquellas que son refrendadas a través del estímulo. ¿Cuáles estímulos? El Dr. Víctor Fernández y colegas demostraron lo siguiente: que por el enriquecimiento polisensorial temprano -y esto se ha experimentado en ratas- se observan cambios estructurales inducidos por estas experiencias en la región lateral de la corteza parieto occipital. ¿En que consistía esta estimulación polisensorial? Consistía en que se tomaban a las ratitas tres veces al día, durante treinta minutos cada vez, y se les estimulaba de distintas maneras: se les ponía una gran variedad de objetos para jugar y explorar, ruedas, túneles, plataformas, escaleras, pelotas, plantas, pasto, flores, juguetes; también se les realizaba un acariciamiento por parte del investigador, con música y se hacía natación en un baño de agua temperada. ¿Qué pasaba? Pasaba que estos animalitos presentaban varias conductas importantes: una mayor capacidad exploratoria, de resolución de problemas, una mejor capacidad motora adaptativa, con respecto a aquellas a las que no se les realizaba esta estimulación. Y esto, ojalá quedara en la retina de todos nosotros: estas ratitas que fueron estimuladas polisensorialmente desarrollan un aumento de la complejidad geométrica del campo dendrítico basal, que constituye el sector aferente de las neuronas.

Mirando los somas de las neuronas se ven las configuraciones geométricas de las dendritas, es decir aquellos lugares que forman la parte aferente, receptora de los estímulos. Se puede apreciar que hay una mayor complejidad geométrica y expansión territorial del campo dendrítico en aquellas ratitas que fueron estimuladas versus una simplicidad en aquellas que no

fueron estimuladas. Es decir, que cada vez que se está estimulando a un ser vivo, se está pudiendo actuar directamente en las neuronas. Este es uno de los argumentos de porqué nosotros tenemos que estimular a los alumnos.

Existe otro trabajo anterior, realizado por otro grupo de la Facultad de Medicina de la Universidad de Chile, en el que se veía el efecto de estimulación temprana en el comportamiento competitivo en ratas. Eran ratitas, unas estimuladas y otras no, y se les colocaba, a todas juntas frente a un estímulo primario que era agua. No se les daba agua por un número determinado de horas y después se les ponía agua para que corrieran a buscarla, para que solucionaran esa necesidad primaria. Y lo que pasaba era que aquellas ratitas estimuladas se demoraban más, porque a ellas les interesaba la exploración y no iban inmediatamente a solucionar la sed, sino que se entretenían por el camino, incluso varias de ellas, aunque llegaban primero, daban la oportunidad a otras.

A partir de los hallazgos de la Neurobiología, el doctor Fernández, ya en el año 2000, formulaba las siguientes interrogantes, válidas hasta hoy: ¿cómo crear nuevos caminos de aprendizaje y desarrollo expandiendo el conocimiento y las oportunidades? y ¿estamos haciendo hoy lo suficiente en términos de incorporar en el currículo básico de los estudios de post grado de nuestros maestros toda esta importantísima información? Es decir, hay información derivada de la neurociencia que no se conoce y que no se aplica.

Conclusión

Debido a que las funciones cerebrales superiores están asociadas con componentes afectivos (ampliamente discutidos hoy día en este Simposio), era y continúa siendo necesario formar a los educadores en la “estrategia del afecto”. Enseñarle al profesor que a través de este tipo de estrategias se pueden generar cambios importantes en los cerebros del país, porque -como lo decía

Rolando Toro recientemente- la materia prima del país y de todo el mundo son los cerebros humanos.

La propuesta del Sistema Biodanza es, justamente, inducir las vivencias integradoras por medio de la música, el movimiento y situaciones de encuentro en grupo, para poder desarrollar todas estas modalidades de expresión del potencial genético humano. En las sesiones los niños tienen toda la estimulación polisensorial, afectiva, motora etc., y la confianza que se tiene que tener cuando se trabaja en grupo.

Cuando Gabriela Mistral decía “traigamos a la escuela todo lo mejor del mundo”, pienso que se estaba refiriendo a esa estimulación polisensorial, necesaria y eficaz para el desarrollo del cerebro humano, ahora absolutamente demostrado. Tenemos que llevar lo mejor del mundo a la escuela.

Bibliografía:

Fernández,V.; Fernández,B.; Adaro,L: *Early polysensorial enrichment: specific experience-induced structural changes in the parieto-occipital cortex of the rat*. Growth, Development&Aging, 2003.

Fernández,V.; Larraguibel,E. *Entorno enriquecido, afectividad y desarrollo cognitivo*. Perspectiva, 2001.

Pinto-Hamuy,T.; Martínez,I.; Passig,C.; Díaz,E.; Guadagno,H.: *Does early stimulation affect competitive behavior of hunger or thirst motivated rats?* Comparative Psychobiology of aggression. Ed. Orlando Gutiérrez Series on Psychobiology, 1990.